



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação Social
Departamento de Jornalismo

MEMORIAL DO PRODUTO

Livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*

Luana Melody Vasconcelos Brasil

Victor Pires Ferreira Corrêa

Orientadora: Dione Oliveira Moura

Brasília

2016

Luana Melody Vasconcelos Brasil

Victor Pires Ferreira Corrêa

MEMORIAL DO PRODUTO

Livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*

Projeto experimental de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília (UnB) como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, sob a orientação da professora doutora Dione Oliveira Moura.

Brasília

2016



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação Social

Departamento de Jornalismo

MEMORIAL DO PRODUTO

Livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Banca examinadora:

Orientadora: Professora doutora Dione Oliveira Moura

Professora: Professora doutora Liziane Soares Guazina

Professor: Professor doutor Sérgio Araújo de Sá

Membro suplente: Jornalista convidado José Luiz Silva

Brasília

2016

AGRADECIMENTOS

Aos nossos familiares, que além do apoio sempre fortalecedor, compreenderam nossas ausências durante todo o processo em que nos dedicamos a esse trabalho. Vocês acreditaram desde o início na importância dessa obra e, com afeto e algumas economias, investiram em nós, tornando possível o sonho de escrever um livro-reportagem.

Aos pesquisadores Bruno Milanez, Cristiana Losekann, Gabriel Riva e Hauley Valim, e à pescadora Eliane Balke, os quais deram as primeiras e mais valiosas pistas para que chegássemos às pessoas que compõem esse livro-reportagem e que nos marcaram profundamente. Seremos sempre gratos por terem confiado em nós e por terem nos indicado os melhores caminhos.

Aos pescadores e pescadoras, comerciantes, surfistas e amigos inesquecíveis da foz e da região norte da foz do Rio Doce: Gilmar, Eliane, Seu Braz, Lorielly, Artur, Albertino, Penha, Enoque, Estelina, Sebastião, Felipe, Daniel, Dona Júlia, Creusa, Adenísia, Simião, Andrea, Mônica, Simony, Lucinha, Seu Brilhoso, Cleia, Pedro, Seu Zé, Suely, Claudionor, Geronildo, Elza, Sivaldo, Cláudia, Elimar, Fábio, Adecí, Lucas Celso, Adrian Lucas, Thalena, Maria da Glória, Fred, Paulo, Zé de Sabino, Nilza, Edson, Rones e Toninho. Nos sentiremos sempre gratos por terem confiado a nós suas histórias, por nos receberem em suas casas e por terem nos mostrado a grandeza da luta por justiça ao mesmo tempo em que nos ensinavam o valor da solidariedade nos momentos de dor. Esperamos com essa reportagem retribuir a

dedicação de vocês com o nosso trabalho e contribuir para que as histórias de vocês não sejam esquecidas.

Aos amigos Jéssica Martins, Raphael Veleda e Átila Perassa, que apostaram na nossa proposta de contar as histórias da foz do Rio Doce após um ano do rompimento da barragem de Fundão e se juntaram a nós nessa jornada. A dedicação e o companheirismo de vocês trouxeram mais leveza e qualidade a essa caminhada.

Agradecemos em especial ao Raphael por ter dividido conosco diversas vezes os espaços da sua residência na 116 Norte, e depois na 316 Norte, para que usássemos como nossa redação utópica: foi o nosso lugar de fazer entrevistas online, de conversar sobre a vida, de planejar a reportagem, de decidir títulos e capítulos, de comemorar avanços, de transcrever entrevistas, de jogar videogame nos intervalos, de selecionar fotografias, de aprender e compartilhar o que vale e o que não vale à pena no jornalismo feito no nosso país.

A todos os professores, funcionários e terceirizados da Universidade de Brasília (UnB), principalmente os da Faculdade de Comunicação, que nos acompanharam nessa trajetória de cinco anos da nossa formação acadêmica. Agradecemos ao professor David Renault, que aceitou a publicação de uma versão da nossa reportagem na revista *Campus Repórter* e nos ajudou a conseguir subsídio da UnB para a realização da viagem ao Espírito Santo.

À professora Dione Moura, que trouxe luz ao corpo do nosso projeto quando ele era apenas alguns rabiscos e uma vontade enorme de acontecer. Você acreditou desde o início que nós éramos capazes e sem isso nós não teríamos dado tantos passos adiante. Sempre esteve atenta ao que acontecia no mundo e que poderia complementar nosso trabalho; nunca deixou nossas indagações sem respostas. As nossas conversas, os seus conselhos, as suas correções e a sua ternura vão continuar reverberando em nós durante as próximas jornadas.

À UnB, enquanto instituição de ensino superior público, por ter nos proporcionado um espaço de aprendizagem reflexiva sobre a nossa profissão e o nosso papel na sociedade, inclusive nos momentos de greves e movimentos estudantis. A oportunidade de conviver com os diversos campos de saber, com ambientes de discussão e com aulas inquietadoras construiu em nós a consciência de que o individual não é mais importante que o coletivo. É doloroso, aliás, imaginar que esse espaço está ameaçado no atual momento político do país e que as próximas gerações de estudantes talvez encontrem na UnB um lugar igual a todos os outros, e não um lugar de pensamento à frente dos outros, como foi projetado por Darcy Ribeiro na década de 1960.

A todos os cidadãos brasileiros que de forma honesta dão ao Estado parte de suas rendas e esforços para que jovens como nós tenham o direito a um ensino de qualidade. Vemos nessa reportagem também uma forma de corresponder a esse investimento, tendo em mente que a retribuição maior é a nossa colaboração diária, nas simples e grandes ações, para a construção de uma sociedade mais justa.

“Que se possa fazer jornalismo com emoção e com garra, sem jamais fazer concessões à ética e ao comportamento moral, privilegiando as minorias e os excluídos, buscando suas fontes

lá onde o povo está com sua dor, sua alegria, suas conquistas, seus sofrimentos; reconhecendo que nem sempre a verdade está nos palácios e nas salas com ar condicionado.”

Pedro Celso Campos, professor de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista

“Destino é a vida de um homem, história é a vida de todos nós. Eu quero narrar a história de forma a não perder de vista o destino de nenhum homem.”

Svetlana Aleksiévitich, jornalista ucraniana

RESUMO

Esta é a memória da produção do livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*, acerca dos impactos socioambientais do maior desastre ambiental da história brasileira, o rompimento da barragem de Fundão, em novembro de 2015, sobre o ambiente físico, biológico e a vida social de populações do litoral do Espírito Santo. Este documento traz a análise sobre o processo produtivo da reportagem em questão, desde a elaboração da pauta até o fechamento do produto. Reúne, além disso, os referenciais teóricos de Jornalismo Ambiental, Jornalismo Literário e Livro-Reportagem, que guiaram o processo de pesquisa e de construção da reportagem. Também traz a contextualização do tema abordado, com descrição do episódio do rompimento da barragem, os impactos da mineração no país e sua importância econômica, as barragens de rejeitos e as consequências do rompimento sobre as comunidades visitadas pela equipe de repórteres.

PALAVRAS-CHAVE: Tragédia de Mariana; Rio Doce; Rompimento da Barragem; Jornalismo Literário; Livro-Reportagem.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Impactos do rompimento da barragem de Fundão em comunidades do Espírito Santo35

Quadro 2 – Roteiro de perguntas para a apuração da reportagem43

Quadro 3 – Cronograma de apuração da reportagem46

Quadro 4 – Capítulos do livro-reportagem, com temas e personagens55

Quadro 5 – Orçamento da apuração do livro-reportagem63

Quadro 6 – Cronograma de produção do livro-reportagem67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do território Krenak em Resplendor (MG)38

Figura 2 – Localização de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, em Mariana (MG)
41

Figura 3 – Localização de comunidades da foz do Rio Doce e do litoral norte do Espírito Santo42

Figura 4 – Primeira versão da capa61

Figura 5 – Primeira opção de capa com uso de fotografia62

Figura 6 – Segunda opção de capa com uso de fotografia63

Figura 7 – Graduando Victor Pires dirige o carro alugado para deslocamento entre

as comunidades visitadas73

Figura 8 – Graduanda Luana Brasil em frente ao point, local de surfe perto de Regência Augusta, em Linhares (ES)73

Figura 9 – Visita à praia de Degredo, Linhares (ES), com família de pescadores 74

Figura 10 – Graduando Victor Pires observa o mar perto de Povoação, em Linhares (ES) 74

Figura 11 – Entrevista com família de pescadores de Degredo, Linhares (ES) 74

Figura 12 – Entrevista com o pescador Sebastião Pereira, em Barra Seca, Linhares (ES)75

Figura 13 – Entrevista com o professor indígena Rones Coutinho, na aldeia de Comboios, Aracruz (ES)75

Figura 14 – Transcrição de entrevistas no quarto de hotel em Linhares (ES)76

- **Introdução**

As consequências sociais e ambientais da exploração minerária nem sempre são retratadas nos noticiários da América Latina. Como apontam Bossi et al (2010), os prejuízos causados pela mineração ganham manchete de jornal quando alcançam níveis alarmantes, como foi o caso dos 33 mineiros chilenos que ficaram presos por mais de dois meses numa mina de cobre no ano de 2010.

Outro caso, ocorrido em novembro de 2015 no Brasil, seguiu o mesmo padrão. Trata-se do rompimento da barragem de Fundão, que lançou cerca de 40

milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro no meio ambiente, destruiu por completo dois distritos do município de Mariana (MG) e contaminou um trajeto de 700 km entre o local do rompimento e o Oceano Atlântico (IBAMA, 2015).

No Brasil, a cobertura midiática voltou-se para o tema dos conflitos entre mineradoras, ambientalistas, o Estado e comunidades prejudicadas em momentos pontuais, como quando o desastre do rompimento da barragem de Fundão completou um ano, e em geral o que ganha destaque são números – a quantidade de atingidos e de poluentes liberados no ambiente, valores de indenizações que as empresas responsáveis deverão pagar, investimentos emergenciais nas comunidades, entre outros (CALIXTO, 2016; LOPES, 2016; MENDONÇA, 2016; POSSATO, 2016; RODRIGUES, 2016).

O que leva a um desastre provocado por empreendimentos de mineração é, no entanto, pouco discutido pelos meios de comunicação. Entre os antecedentes desse tipo de tragédia socioambiental estão “as metodologias de previsão, mensuração e abrangência dos impactos causados por empreendimentos de grande porte” (COSTA et al, 2016, p.96).

Isso significa que não só existe uma falha dos principais veículos de informação em retratar um cenário no qual novas tragédias podem ocorrer, como também há uma fiscalização ineficaz dos órgãos ambientais do Estado na prevenção de desastres (POEMAS, 2015). De acordo com especialistas no tema, “análises deficientes desenvolvidas para a elaboração dos estudos e/ou práticas profissionais antiéticas têm provocado a subestimação dos impactos negativos e a superestimação dos efeitos positivos de grandes empreendimentos sobre as sociedades e o meio ambiente” (POEMAS, 2015, p. 9).

Entre os resultados mais graves de um desastre de grandes proporções com impactos no meio ambiente e em comunidades está a violação de direitos, como o direito à informação, à liberdade de reunião, associação e expressão, à moradia adequada, ao trabalho e a um padrão digno de vida (CDDH, 2011).

Retratar, por meio da linguagem jornalística, os antecedentes e as consequências de desastres causados pela mineração tem se mostrado importante para que a sociedade possa avaliar e discutir as atuais condições desse tipo de empreendimento e da legislação que se propõe a intermediar os interesses de comunidades e empresas.

Nesse sentido, a proposta do presente trabalho é registrar, por meio do formato livro-reportagem e do estilo jornalismo literário, as principais causas da tragédia do rompimento da barragem de Fundão e a atual situação enfrentada por comunidades localizadas na região da foz do Rio Doce, no estado do Espírito Santo. A ideia de visitar e conviver por alguns dias com essas pessoas teve como propósito preencher uma lacuna da cobertura midiática tradicional, que até novembro de 2016 se concentrou nas comunidades localizadas ao longo do curso do Rio Doce em Minas Gerais até a foz, na vila de Regência Augusta, no Espírito Santo.

Há uma parcela pequena de matérias sobre as consequências do desastre no litoral do Espírito Santo, com exceção daquelas sobre a região próxima à foz. É importante frisar que não realizamos nenhuma análise aprofundada sobre esta cobertura. A impressão é fruto de percepção pessoal ao longo das pesquisas de notícias para a apuração do livro-reportagem e para a produção da memória da reportagem. A cobertura, de acordo com nossa percepção, foi feita somente em momentos pontuais, como no momento da chegada da lama ao mar, da interdição das praias pela Justiça e quando o desastre completou um ano, por exemplo.

Alguns exemplos de notícias sobre o litoral capixaba são os textos *Abandono e humilhação ao norte da foz do Rio Doce*, *Comunidades ao norte da Foz do Rio Doce articulam criação de fórum dos atingidos* e *Samarco/Vale-BHP pagará auxílio emergencial a índios de Aracruz*, veiculadas no portal de notícias capixaba Século Diário. Aliás, nas pesquisas sobre as consequências do desastre ambiental, este portal se sobressai como o principal veículo a comunicar sobre a situação das

comunidades localizadas no litoral do Espírito Santo. Além disso, a Gazeta Online, outro veículo capixaba, publicou no início de novembro a notícia *As vítimas invisíveis da tragédia no Rio Doce*, com foco nos impactos em moradores do litoral do Espírito Santo (FERNANDES e LOPES, 2016; COUZEMENCO, 2016; MEDEIROS, 2016).

Vimos a oportunidade, com a produção do livro-reportagem, de explorarmos uma faceta do desastre relativamente pouco abordada. Apesar de a reportagem trazer também depoimentos de pessoas impactadas ao longo do Rio Doce, nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, o foco recai sobre as comunidades do litoral deste último e sobre Regência Augusta e Povoação, vilas na foz. São comunidades nos municípios de Linhares, Aracruz e São Mateus, no Espírito Santo.

A escolha pelo livro-reportagem e pelo jornalismo literário é por nós, autores da reportagem, interpretada como a melhor estratégia de retratar as experiências vividas pelos entrevistados e os cenários observados. Além disso, a produção de uma reportagem baseada nas técnicas de apuração do jornalismo ambiental e com estilo narrativo menos comprometido com os padrões da pirâmide invertida são uma forma de exercitar um jornalismo diferente daquele exigido nas redações dos principais meios de comunicação do país.

A partir dessas escolhas, o presente memorial apresenta uma discussão sobre o conceito de jornalismo ambiental, relacionando-o com o que se consolidou na literatura acadêmica sobre jornalismo literário e livro-reportagem. O trabalho também pontua de que forma os conhecimentos sobre a prática jornalística se aplicaram ao longo da reportagem que resultou no livro e, paralelamente, na matéria publicada na revista-laboratório *Campus Repórter*, da Universidade de Brasília, uma publicação da Faculdade de Comunicação que oferece aos alunos a experiência do jornalismo literário praticado atualmente no país, tendo como influência a revista *Piauí*.

2. Justificativa

O livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama* tem como fio condutor o maior desastre ambiental do Brasil, o rompimento da barragem de Fundão, em 5 de novembro de 2015. Apesar de transcorrido pouco mais de um ano do rompimento da barragem, os impactos são e serão sentidos – avaliam especialistas com quem a equipe conversou – ainda por anos, para não dizer

décadas.

Ainda restam muitas lacunas e questões sem resposta sobre as consequências do desastre. Quem está convivendo diariamente com os impactos sofre com essa ausência e, ainda, com respostas vagas ou incorretas a algumas questões essenciais: qual é o nível de contaminação dos peixes? Até onde a lama chegou? Quais são os possíveis efeitos desta lama para a saúde? Quando as coisas vão voltar ao normal? Somam-se a estas outras dúvidas diversas. O trabalho pode ajudar a esclarecer algumas delas, ainda que este não seja o propósito final da reportagem.

Além disso, o foco da reportagem recai sobre comunidades pouco visitadas por equipes de jornalismo, com exceção, talvez, das vilas de Regência e Povoação, no município de Linhares (ES). Abordar os efeitos do desastre sobre populações do litoral capixaba pode chamar atenção para a situação destas pessoas. A reportagem pode servir também de instrumento de luta para as populações retratadas frente às gigantes da mineração e aos governos, muitas vezes omissos na garantia de direitos básicos.

3. Objetivos

3.1 Objetivo do produto

O objetivo do produto é construir um livro-reportagem, em linguagem de jornalismo literário, com o propósito de revelar os impactos sofridos por populações pesqueiras do Espírito Santo – culturalmente vinculadas à foz do Rio Doce e ao mar próximo à foz – após o desastre do rompimento da barragem de rejeitos de mineração de Fundão, em Mariana (MG).

O produto visa a mostrar como estão as condições do Rio Doce, da flora e da fauna meses após o desastre e como essas condições afetam as vidas de pessoas ligadas à natureza e que dela dependem diretamente para tirar seu sustento. Com a reportagem, buscamos também mostrar as mobilizações e lutas de comunidades impactadas pela lama, frente às mineradoras e aos governo, em busca de direitos básicos.

O livro-reportagem também tem por objetivo mostrar o que está sendo feito ou não pelas mineradoras responsáveis pelo desastre em auxílio às populações atingidas e para mitigar os impactos. Outro objetivo é descrever os processos e condições que possibilitaram a ocorrência de um desastre de tão grandes proporções. No trabalho, as fotografias serão utilizadas com a intenção de mostrar os rostos, olhares e os lugares retratados no texto.

3.2 Objetivo da pesquisa

A pesquisa tem como objetivo analisar os processos de produção da reportagem em questão, em todas as suas etapas, desde a elaboração da pauta até o fechamento da reportagem.

4. Problema da pesquisa

Em relação à reportagem, buscamos abordar uma faceta do desastre pouco explorada na grande imprensa, ou nos veículos midiáticos tradicionais. Com exceção do portal de notícias capixaba Século Diário e de noticiais pontuais em outros sites do estado (que dão foco, principalmente, aos impactos nas comunidades de Regência e Povoação, na foz do Rio Doce), é difícil encontrar notícias que dão conta da situação dos habitantes do litoral do Espírito Santo impactados pela lama de rejeitos. Além das matérias mencionadas na *Introdução* deste trabalho, o documentário *Gosto Amargo do Rio Doce*, da TV Brasil, é outro exemplo de produção que trata de impactos no litoral capixaba, apesar de este não ser o foco. Foi essa ausência, inclusive, uma das principais motivações para a escolha desse recorte.

Com a reportagem, vamos analisar, a partir dos depoimentos das pessoas impactadas, como se configuram os efeitos do maior desastre da história brasileira nas vidas de pessoas que vivem longe dos grandes centros urbanos. Buscamos expor a percepção das pessoas comuns sobre o desastre e seus efeitos, ouvindo o que elas têm a dizer para explicar e, ao mesmo tempo, tentar entender a nova realidade em que vivem.

Também vamos analisar algumas características da atividade minerária no Brasil, com foco em Minas Gerais, e mostrar como elas contribuíram, mesmo que de forma indireta e não tão explícita, para o rompimento da barragem.

A redação do livro-reportagem e a produção fotográfica buscam integrar elementos informativos, essenciais ao fazer jornalístico, com uma forma de escrita mais criativa e livre em termos de estilo textual, tomando emprestados alguns elementos da literatura. O trabalho mantém, no entanto, os elementos de precisão necessários ao aspecto documental do jornalismo.

5. Referencial teórico

5.1 Jornalismo Ambiental

No artigo *Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social*, Colombo (2010) indica que o surgimento do jornalismo ambiental como campo próprio deu-se na esteira de discussões globais realizadas a partir da segunda metade do século passado sobre meio ambiente, sustentabilidade e as ameaças ao futuro da humanidade com o modelo de produção predatório. A autora faz um apanhado de conferências mundiais voltadas para estes temas.

Ela traz como exemplo a Conferência sobre a Biosfera, realizada em Paris em 1968, organizada pela Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (Unesco). A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, realizada quatro anos depois em Estocolmo (e por isso conhecida como Conferência de Estocolmo), também trouxe para o centro das discussões a necessidade de aliar desenvolvimento econômico com proteção do meio ambiente.

Outro marco importante para o ambientalismo foi a produção do *Relatório Nosso Futuro Comum*, ou *Relatório Brundtland*, elaborado pela Comissão Mundial para Assuntos do Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). O documento, publicado em 1987, define o desenvolvimento sustentável como aquele que “atenda as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também às suas” (CMMAD, 1991, p. 9).

A Conferência Geral das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em junho de 1992 no Rio de Janeiro, foi outro marco global nas discussões sobre as responsabilidades humanas na preservação ambiental. Também conhecida como Eco 92 ou Rio 92, a Conferência resultou na *Carta da Terra* e na *Agenda 21*, que tratam, entre outros pontos, da necessidade de políticas internacionais para a proteção do meio ambiente.

As conferências e publicações citadas acima são apenas alguns exemplos da imensa variedade de eventos semelhantes que marcaram o século XX e

continuam a ocorrer até os dias atuais. A título de exemplo, pode ser mencionada a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (COP), ou só Conferência do Clima, instituída na Eco 92 e voltada para o debate sobre as mudanças climáticas. Na COP 21, realizada em 2015 em Paris, os governos mundiais firmaram o Acordo de Paris, um tratado mundial para conter o aquecimento global.

Colombo expõe que a cobertura de temas relacionados ao meio ambiente, apesar de ter começado a ganhar espaço na mídia a partir da 2ª Guerra Mundial, foi intensificada na década de 1980.

Jornalismo ambiental no Brasil como no exterior começou a despertar para este tema a partir de meados dos anos 80, devido à descoberta do buraco na camada de ozônio e às primeiras preocupações sobre o impacto das atividades humanas no aumento do aquecimento global (COLOMBO, 2010, pp. 5-6).

A abordagem cada vez maior de temas socioambientais no jornalismo brasileiro traz a necessidade de definição específica para o campo jornalístico em questão. Bueno (2007), no trabalho *Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito*, traz a seguinte definição para o jornalismo ambiental: “Processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo” (BUENO, 2007, p. 35).

Outra definição de Bueno no mesmo texto, complementar à anterior, ajuda a mostrar como esta modalidade de jornalismo não está limitada à flora, fauna e condições da água e do solo, por exemplo. Ele envolve estas questões, das ciências naturais, é claro, mas vai muito além delas.

Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.) (BUENO, 2007, p.35).

A reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama* pode ser, assim, incluída nesta categoria, mesmo com foco no drama humano dos personagens entrevistados e nos impactos sociais do rompimento da barragem de rejeitos da Samarco Mineração S.A. sobre as rotinas de pequenas comunidades do litoral do Espírito Santo.

Bueno coloca como necessária a interconexão dos assuntos retratados nas pautas ambientais. No trabalho mencionado, ele lista algumas “síndromes” da cobertura sobre temas ambientais – erros recorrentes cometidos pelos repórteres, que devem ser evitados. Uma delas é a do “zoom ou olhar vesgo”, que o autor define como:

O fechamento do foco da cobertura, a fragmentação que retira das notícias e reportagens ambientais a sua perspectiva inter e multidisciplinar. Esta síndrome é favorecida pelo processo acelerado de segmentação jornalística, concretamente a divisão de veículos em cadernos e editorias (BUENO, 2010, p. 37).

Moura (2011) argumenta, no texto *Jornalismo e a transversalidade da pauta socioambiental*, que a formação e a atuação profissional, em qualquer área, deve estar em sintonia com as questões de seu tempo, o que não é exceção para os jornalistas e os assuntos relacionados ao meio ambiente.

Isso também ocorre no triângulo jornalismo, temática socioambiental e riscos advindos de implementações tecnológicas, vide a questão da energia nuclear. E, também, ecoa, com certeza, no desenho da transversalidade da pauta socioambiental. O risco tecnológico é um ponto de inflexão em um *continuum* no qual quanto maior a quantidade de riscos (alerta para o futuro – algo pode acontecer) que se transformam em dano (risco concretizado – algo aconteceu), tanto mais se expande e dinamiza a transversalidade da pauta socioambiental. (MOURA, 2011, p. 2).

A noção de risco é exemplificada pela autora com a problemática da energia nuclear. O rompimento da barragem de rejeitos de Fundão, em 5 de novembro de 2015 – e outras rupturas de estruturas semelhantes no passado (levando em conta que as barragens de rejeitos são também tecnologias) – podem ser exemplos da transformação do risco em dano e da consequente expansão da transversalidade da pauta socioambiental.

A multidisciplinaridade da cobertura ambiental é levantada por outros autores, como é possível ler no texto *Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental*.

Embora existam casos em que ele é tido como uma especialidade ou especialização jornalística, relacionada à cobertura de temas ambientais, entendemos que o jornalismo ambiental extrapola a ideia de ser uma cobertura centrada nos assuntos de meio ambiente. A concepção é outra, independente, baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica, para além de uma cobertura factual ou programada (GIRARDI et. al, 2012, p. 137).

Na produção do livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*, foi buscada essa visão sistêmica. A partir da cobertura sobre os vários aspectos do desastre, que incluem desde os efeitos do rompimento sobre a renda e os modos de vida dos pescadores até os fatores políticos e institucionais que contribuíram para a ocorrência da tragédia, a ideia foi montar um quadro interconectado de aspectos ligados ao rompimento da barragem.

Bueno (2010) apresenta três funções do jornalismo ambiental: informativa, pedagógica e política. A informativa tem a ver com a necessidade de conhecimento da sociedade,

Considerando o impacto que determinadas posturas (hábitos de consumo, por exemplo), processos (efeito estufa, poluição do ar e água, contaminação por agrotóxicos, destruição da biodiversidade, etc.) e modelos (como o que privilegia o desenvolvimento a qualquer custo) tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida (BUENO, 2010, p. 35).

O livro-reportagem pode cumprir essa função ao prestar informação para os atingidos, pessoas que vivem seus dias sob os efeitos do desastre e que não podem deixar de pensar nele, mas que ainda têm muitas dúvidas. Além disso, pode informar a sociedade de maneira geral, trazendo dados e pontos de vista pouco explorados na cobertura midiática tradicional.

A função pedagógica inclui o apontamento das causas e soluções e indicação de caminhos que incluam a participação dos cidadãos. Bueno deixa claro

que a terceira função, política, não pode ser confundida com política partidária, mas “tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental” (BUENO, 2010, pp. 35-36).

Outra das “síndromes” descritas pelo autor no texto mencionado é a da “lattelização das fontes”. Ela acontece quando o repórter ouve somente fontes “com currículo acadêmico”, em detrimento do cidadão comum. O autor deixa claro que o jornalismo ambiental deve estar “sintonizado com o pluralismo e a diversidade” e “deve potencializar o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés” (BUENO, 2010, p.36). Ele complementa:

O protagonismo no Jornalismo Ambiental, como de resto em qualquer campo do jornalismo, não se limita ao pesquisador ou ao cientista, mas inclui, obrigatoriamente, os que estão fora dos muros da Academia (muitas vezes excluídos em virtude de uma situação social injusta), como o povo da floresta, o agricultor familiar, o cidadão de rua (BUENO, 2010, p. 37).

Loose e Camana (2014) vão na mesma direção no artigo *Reflexões sobre o papel do Jornalismo Ambiental diante dos riscos da sociedade contemporânea*. Elas escrevem que, neste tipo de jornalismo, a apuração das notícias e reportagens não se restringe a “fontes de caráter oficial – sejam estas dos campos político, econômico ou científico –, mas atravessa diversos campos de conhecimento e incorpora os saberes populares na busca da informação” (LOOSE e CAMANA, 2014, p. 210).

Foi exatamente esse princípio o que guiou o trabalho de apuração para a construção do livro-reportagem. A base do trabalho era buscar as vozes, muitas vezes esquecidas, de quem vivia em contato com as águas contaminadas pela lama de rejeitos. A presença de especialistas é importante, é claro, mas durante a construção da obra, esteve presente o cuidado em não deixar que as vozes destes se sobrepusessem às dos indivíduos impactados.

Mais uma das “síndromes” elencadas por Bueno no artigo é a da “baleia

encalhada”, definida pelo autor como a “espetacularização da tragédia ambiental”. A solução, de acordo com o autor, seria contextualizar, não apenas limitar-se a uma cobertura que se reduz aos desastres e a imagens impactantes para atrair leitores, “como se fosse possível (e desejável) ver a questão ambiental isolada da sua dinâmica, de suas causas e, portanto, distante dos grandes interesses que a promovem e a sustentam” (BUENO, 2010, p. 38). Este foi um ponto que serviu de alerta para o trabalho de apuração e redação da reportagem.

A forma de abordar os fatos sem apresentar causas e soluções, de forma descontextualizada e sem pluralidade de pontos de vista, é definida por Belmonte, Steigleder e Motter (2014) não como jornalismo ambiental, mas “apenas um jornalismo sobre meio ambiente”.

Os autores complementam a observação: “Jornalismo Ambiental é jornalismo, mas um jornalismo comprometido com uma cidadania ambiental, por isso é mais do que uma simples cobertura de assuntos de meio ambiente” (BELMONTE et al, 2014, p. 3).

Os autores do artigo *Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental*, também trazem a noção de que esta modalidade de jornalismo deve ter um caráter de mudança da realidade:

O jornalismo ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal), visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena. Para sua concretização é necessário buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as conexões, superar a fragmentação reiterada (GIRARDI et. al, 2012, p. 148).

O questionamento sobre a isenção diante do assunto retratado esteve presente no processo de produção do livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*. Desde muito cedo, quando entramos na Faculdade de Comunicação, foi passada a ideia de que um jornalismo de qualidade deveria ser, necessariamente, imparcial. Ramires e Rossi (2013) expõem que esta noção pode ser problemática:

O jornalismo preenche cada vez mais essa necessidade do homem contemporâneo em adquirir informação por meio de convenções acerca do que é real. O perigo é que disfarçado sob a bandeira do imparcial, o real é muitas vezes o discurso oficial; expressa o interesse de determinados grupos no jogo do capital; ou faz propaganda de ideologias (RAMIRES E ROSSI, 2013, p. 82).

No dilema sobre a isenção no livro-reportagem, buscamos inspiração em Bueno. Ele ressalta que o jornalismo ambiental deve ser “política, cultural e socialmente engajado”. Segundo o autor, o jornalista voltado para a cobertura de meio ambiente “não pode comprometer-se com a isenção porque participa de um jogo amplo (e nada limpo) de interesses” (BUENO, 2010, p. 36). Por este motivo, nossa opção é por fazer uma reportagem que traga falas de todos os “lados” – atingidos, Estado brasileiro e Samarco, limitando os “lados” principais da questão a estes três, apesar da complexidade de visões que cada uma destas categorias pode abarcar –, mas que ao mesmo tempo, esteja comprometida com a situação enfrentada pelas populações impactadas.

No artigo *Mídia e a consciência da sustentabilidade*, publicado no portal Observatório da Imprensa, Campos (2006) vai na mesma linha dos autores anteriormente citados sobre a necessidade de um jornalismo ambiental comprometido com os grupos menos favorecidos e com o meio ambiente. O trecho a seguir serviu de inspiração para o livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*:

Que se possa fazer jornalismo com emoção e com garra, sem jamais fazer concessões à ética e ao comportamento moral, privilegiando as minorias e os excluídos, buscando suas fontes lá onde o povo está com sua dor, sua alegria, suas conquistas, seus sofrimentos; reconhecendo que nem sempre a verdade está nos palácios e nas salas com ar condicionado (CAMPOS, 2006).

5.2 Jornalismo literário

Tendo em vista os desafios da prática de jornalismo ambiental apontados pelos autores, nota-se ainda que é necessário pensar qual estilo narrativo transmite de forma adequada as informações de uma apuração engajada e que condiz com a profundidade de uma cobertura baseada no conceito de jornalismo ambiental.

Campos (2006) oferece uma pista ao observar que o estilo jornalismo literário é “uma ferramenta que se adapta, como uma luva, ao jornalismo ambiental, por suas características de envolvimento profissional com a fonte – mediante entrevistas de imersão –, de investigação aprofundada e de criatividade na narrativa sempre a partir do fato real, com direito a entrevistar e escrever sob impacto de forte emoção” (CAMPOS, 2006).

O conceito de jornalismo literário, no entanto, não é um consenso entre os pensadores dos meios de comunicação de massa. A princípio, existe o entendimento de que esse estilo de narrativa é o casamento entre jornalismo e literatura – uma união que passou por diversas gerações de escritores e jornalistas, tendo como alguns exemplos Émile Zola, Ernest Hemingway, Truman Capote e Euclides da Cunha. Esses exemplos são de alguns dos escritores que produziram livros com narrativas literárias, poéticas e com reflexão mais aproximada da subjetividade a partir de uma experiência real dos fatos testemunhados pelos autores.

Por outro lado, esse casamento entre as duas práticas de registro escrito, a jornalística e a literária, se tornou conturbado para autores que defendem os princípios da pirâmide invertida. Essa divergência iniciou-se no momento de ascensão do método do lide, nos anos 1950, segundo o qual o primeiro parágrafo de qualquer notícia deve começar respondendo a seis perguntas: Quem? Quando? Onde? O que? Como? Por quê? (LIPPMAN, 1922 apud PENA, 2006).

O lide era compreendido como uma forma de conferir às matérias jornalísticas mais agilidade e usado para atender aos princípios de objetividade, neutralidade e imparcialidade da imprensa (RESENDE, 2010; MOURA, 2012). Para além da discussão sobre a real existência desses princípios na prática jornalística como um todo, é relevante observar que, concomitante ao crescimento dos manuais de redação que adotavam o lide, “iniciava-se também nos Estados Unidos um movimento que negava esse jeito engessado de escrever e propunha o renascimento da união jornalístico-literária” (RESENDE, 2010, p. 7).

Entre os jornalistas que fizeram parte desse movimento de resistência ao lide, Murphy (1974) destaca Norman Mailer e Gay Talese. Segundo o autor do livro *New journalism: uma perspectiva crítica*, esses jornalistas são os que mais correspondem ao início do movimento da literatura de não-ficção, ou *new journalism*, ou ainda jornalismo literário. Como ressalta Murphy, o *new journalism* dos anos 1960 era um tipo de ativismo jornalístico que dava importância à descrição das cenas, como em um livro de ficção, porém retratando um cenário real. Segundo Murphy, esse era o “algo a mais”, o que havia de “novo” no jornalismo.

É a possibilidade de escrever não-ficção de forma precisa com técnicas geralmente associadas a romances e contos. Essa foi a descoberta de que era possível, no jornalismo, usar qualquer artifício literário, desde os dialogismos tradicionais do ensaio até a transmissão de sentimentos (MURPHY, 1974, p. 9).

Em meio aos embates acadêmicos sobre a aceitação da união entre jornalismo e literatura, Pena (2006) destaca que o jornalismo literário não trata “apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem” (PENA, 2006, p. 6). De acordo com o autor, o conceito de jornalismo literário significa:

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p.7).

Ainda de acordo com Pena, o jornalista literário aproveita o que aprendeu no jornalismo diário, os princípios da redação, como “a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente” (PENA, 2006, p. 7). Para o autor, a compreensão do conceito de jornalismo literário passa por sete itens, formando uma estrela de sete pontas, nos quais é possível notar semelhanças com a prática do jornalismo ambiental e com o que foi realizado ao longo da construção do livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*.

O primeiro princípio é a potencialização do que o jornalista aprendeu no jornalismo diário – a checagem, a busca pelos diversos lados que envolvem o fato –, desenvolvendo ao mesmo tempo as habilidades literárias. O segundo princípio é transcender os limites dos acontecimentos cotidianos, rompendo com a periodicidade e a atualidade, não se preocupando com o consumo do leitor pelo imediatismo, pela novidade. A terceira ponta traz o princípio de contextualização da realidade, tornando-a o mais abrangente possível e para isso é necessário relacionar as informações com outros fatos, comparando-as com diferentes abordagens.

A quarta ponta traz a ideia de cidadania, de pensar de que forma o tema escolhido para ser retratado contribui para a formação do cidadão, para o bem comum e para a solidariedade – é o compromisso do jornalista com a sociedade. O quinto princípio do jornalismo literário é a ruptura com o lide, que para Pena é uma pasteurização do texto. O sexto princípio chama atenção para os definidores primários, que devem ser evitados, segundo o autor. Entende-se por definidores primários as fontes oficiais, pessoas que sempre aparecem na imprensa. Nesse sentido, sempre que possível o jornalista literário deve buscar o cidadão comum, as fontes anônimas.

Por último, a sétima ponta da estrela destaca a perenidade como um princípio do jornalismo literário. Segundo Pena, uma obra baseada nesse estilo de narrativa não pode ser efêmera ou superficial. Diferente das matérias do cotidiano,

ela não pode ser esquecida no dia seguinte, devendo influenciar o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos.

Consideramos importante notar ainda as limitações jornalístico-literárias na escrita da reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*. Não experimentamos os elementos literários em toda extensão da reportagem, embora seja possível encontrá-los nas descrições de cenas e memórias dos entrevistados, por exemplo. Isso porque optamos por construir um livro-reportagem cuja narrativa fosse tanto livre, no sentido de ser subjetiva, quanto objetiva.

A narrativa conservadora e objetiva foi aplicada, por exemplo, nos trechos técnicos da reportagem, quando precisávamos descrever dados relativos aos antecedentes da tragédia ou em afirmações dos especialistas entrevistados. A partir das orientações de Dione Moura, entendemos que, por se tratar de uma pauta na qual os fatos ainda estão se desenrolando, seria necessário narrá-la também com um tom convencional, mais próximo ao que o leitor comum está acostumado e no qual ele credita veracidade.

5.3 Livro-reportagem

De forma complementar à escolha pelo tipo de cobertura do jornalismo ambiental e pelo estilo de narrativa do jornalismo literário, optamos pelo formato livro-reportagem para retratar as experiências de comunidades atingidas pelos rejeitos de minério na região da foz do Rio Doce. Esses três elementos jornalísticos se mostraram eficazes no sentido de atender a um tema que exigia, ao mesmo tempo, profundidade nas relações entre os acontecimentos, sensibilidade jornalística e liberdade narrativa.

Para entender de que maneira o livro-reportagem combina com o jornalismo ambiental e o jornalismo literário, nos baseamos na perspectiva de Rocha e Xavier (2013) segundo a qual o livro-reportagem é toda obra que trata de “acontecimentos

ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias” (ROCHA e XAVIER, 2013, p. 144).

Para Pereira (2006), o livro-reportagem é um gênero híbrido e autônomo, sendo, ao mesmo tempo, literatura e jornalismo. É literatura quando o jornalista-escritor não segue as normas do discurso jornalístico padrão – a imparcialidade, neutralidade e objetividade. E é jornalismo porque o jornalista-escritor se debruça sobre uma investigação, pelo levantamento de informações e pela narrativa de histórias reais. Nesse sentido, “o livro-reportagem é jornalismo porque cumpre a função primeira deste que é informar e, através dessa informação, levar a sociedade a se posicionar e a buscar mudanças” (PEREIRA, 2006, p. 2).

Além disso, o livro-reportagem é literário e jornalístico no momento em que adota a humanização como uma estratégia para aproximar dados e informações do leitor, deslocando o âmbito do abstrato para o concreto (ROCHA e XAVIER, 2013). As autoras também observam que o modelo do livro-reportagem está em ascensão devido à queda do custo da impressão, maior acesso à publicação em plataformas digitais, o interesse do público e por ser uma alternativa à prática das *hard news*.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender o livro-reportagem como um formato que se soma aos demais veículos midiáticos, como jornal impresso, revista, televisão, rádio e internet. É um formato que devolve ao leitor a prática de leitura, combinando informação com entretenimento – aqui compreendido como o prazer adquirido com a leitura subjetiva, que desloca o leitor para o local dos acontecimentos e transmite emoção. Ao mesmo tempo em que proporciona ao jornalista-escritor mais espaço e liberdade para aprofundar um tema, o livro-reportagem oferece ao leitor uma opção às notícias com menor nível de detalhamento e de reflexão sobre os fatos.

É importante também compreender o formato livro-reportagem como um desdobramento do formato jornalístico de reportagem, que se diferencia da notícia

por ser uma narrativa que foge às normas de objetividade e impessoalidade. Na reportagem, como é descrito por Moura (2012), predominam as impressões, relatos com profundidade, imagens mentais, detalhamento dos cenários e valorização da fotografia como parte da narrativa. Nesse sentido, é na reportagem que o leitor compartilha com o jornalista-escritor, que aparece em primeira pessoa, o que foi observado e é narrado. Essa narrativa, no entanto, não é composta apenas por texto, mas também por fotografia, infográficos, ilustração e diagramação (MOURA, 2012).

Outro notável elemento da reportagem é a atemporalidade, presente também no estilo jornalismo literário. Por ser um formato jornalístico no qual prevalece a profundidade da apuração, contextualização e descrição dos fatos, quebrando com o paradigma do relato instantâneo e ágil da notícia, a reportagem possui diferentes critérios de noticiabilidade.

De acordo com Moura (2012), enquanto na notícia os valores que determinam se um fato deve ou não ser noticiado são o atual, o singular e o extraordinário, a reportagem e a entrevista “abrem um delicado espaço narrativo para atores, fatos, pessoas, experiências de vida que até são considerados banais e que, às vezes, não são em nada extraordinárias” e que podem ter perdido a carga de atualidade (MOURA, 2012, p. 333). Tendo por base essas características, a autora observa que os valores-notícia interesse humano e proximidade são os que mais se vinculam com os formatos jornalísticos de entrevista e reportagem.

Ao retratar as consequências sociais, econômicas e ambientais após um ano do desastre do rompimento da barragem de Fundão, nós entendemos o livro-reportagem como o formato mais adequado para um tema que tem perdido parte de sua carga de atualidade e que não é mais extraordinário como era em novembro de 2015 – ao menos para a parcela da população brasileira não impactada diretamente pelo desastre.

Além disso, optamos por nos debruçar sobre a região ao norte da foz do Rio

Doce, no Espírito Santo, porque percebemos que ali pulsava o valor-notícia interesse humano descrito por Moura (2012), um valor-notícia que atrai o leitor pelo sentido da empatia e da curiosidade. Isso porque naquela região se encontram pessoas que tiveram suas realidades modificadas brutalmente devido a falhas que não foram causadas por elas.

Como será descrito ao longo desta memória, a reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama* traz os relatos de pessoas que tiveram seus trabalhos e fontes de renda arruinados pelo rompimento da barragem de Fundão, que passam os dias preocupadas sem saber se ainda vão morar na mesma casa, que estão adoecendo de tristeza, que dependem da solidariedade de outras pessoas para ter o que comer e que não recebem dos responsáveis por esses desastres em suas vidas respostas satisfatórias às suas inquietações.

6. Contextualização

6. 1 O rompimento da barragem de Fundão

Quando os principais noticiários nacionais voltavam a atenção para a crise política do país, uma barragem de rejeitos de minério de ferro ruiu no município de Mariana (MG), liberando uma torrente de lama que destruiu completamente o distrito de Bento Rodrigues e parcialmente Paracatu de Baixo, ambos em Mariana. O município de Barra Longa (MG) também foi parcialmente arrasado pela enxurrada, que acabou alcançando o Rio Doce.

O rompimento de Fundão, como é conhecida a barragem, aconteceu na tarde do dia 5 de novembro de 2015. Até o fim daquele mês, os jornais acompanharam o alcance da lama, que atingiu a foz do Rio Doce, no Espírito Santo, contaminando, posteriormente, também parte do litoral da Bahia e do Rio de Janeiro. A barragem de Fundão pertence à mineradora Samarco, que por sua vez é controlada por duas das maiores mineradoras do mundo, a Vale e a anglo-australiana BHP Billiton.

Um ano após o desastre, sabe-se que 19 pessoas morreram soterradas na passagem da lama em Bento Rodrigues (POSSATO, 2016). Não há, no entanto, precisão no número de atingidos – compreendidos como fauna, flora e humanos – pela contaminação do ambiente com os rejeitos de minério ao longo da bacia do Rio Doce e no litoral. Segundo informações divulgadas por órgãos ambientais e pela Samarco, foram liberados aproximadamente 40 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério (IBAMA, 2015).

6.2 Impactos da mineração e barragens de rejeitos

A mineração, apesar de ser um importante impulsionador da economia brasileira, é uma atividade conhecida por ocasionar impactos ambientais e sociais enormes. Sánchez (2007) expõe que a extração e processamento de minérios, apesar de estes proverem moradia, energia, transporte e comunicação, “são causa de diversos impactos socioambientais, principalmente considerando que neste início de século tem havido um *boom* da indústria mineira mundial, impulsionada em grande parte pela demanda chinesa” (SÁNCHEZ, 2007, p. 352).

Por tratar-se da exploração de materiais não renováveis, ao menos não em uma escala de tempo da vida humana, a insustentabilidade da mineração é evidente, como indica Sánchez: “Poucas atividades parecem menos sustentáveis do que a mineração. Afinal, trata-se da extração de recursos finitos, portanto exauríveis” (SÁNCHEZ, 2007, p. 356).

O núcleo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS), da Universidade Federal da Juiz de Fora (UFJF), voltado ao estudo sobre os impactos da atividade minerária no país, expõe, em análise, a importância da exportação de minérios para a economia brasileira entre os anos de 2003 a 2013. Este período é conhecido como o *boom* dos minérios, e é caracterizado pelo aumento expressivo das importações globais destas *commodities*.

Ao longo desses anos, aprofundou-se a dependência econômica do Brasil com relação ao setor mineiro-exportador. No mesmo período, a participação dos minérios na exportação do país passou de 5,0% para 14,5%, tendo o minério de ferro correspondido a 92,6% desse total (ITC, 2015 apud POEMAS, 2015, p. 15).

O minério de ferro era justamente o carro chefe da Samarco Mineração S.A., a mineradora responsável pela barragem de rejeitos de Fundão. Ela é controlada pela Vale, maior produtora mundial de minério de ferro, pelotas e níquel (VALE,

2016), e pela anglo-australiana BHP Billiton, a maior mineradora do mundo em valor de mercado (STATISTA, 2015).

A mineração no país, como foi possível perceber com o rompimento da barragem de Fundão, deixa marcas profundas, apesar dos ganhos econômicos. Farias (2002), avalia que, “no Brasil, os principais problemas oriundos da mineração podem ser englobados em quatro categorias: poluição da água, poluição do ar, poluição sonora, e subsidência do terreno” (FARIAS, 2002, p. 13).

Os autores do artigo *Atividade mineradora gera riqueza e impactos negativos nas comunidades e no meio ambiente* trazem uma visão semelhante. Eles escrevem:

A mineração altera de forma substancial o meio físico, provocando desmatamentos, erosão, contaminação dos corpos hídricos, aumento da dispersão de metais pesados, alterações da paisagem, do solo, além de comprometer a fauna e a flora. Afeta, também, o modo de viver e a qualidade de vida das populações estabelecidas na área minerada e em seu entorno (ARAÚJO et al, 2014, p. 2).

Além disso, existe o agravante de que os impactos da mineração perduram por tempos longos. Araújo, Olivieri e Fernandes (2014) também trazem uma breve análise sobre este ponto:

Os impactos ambientais negativos da mineração sobre a vida das populações não prevalecem somente durante o tempo de vida útil de uma mina; podendo perdurar por dezenas de anos ou mesmo por séculos. A mina se esgota, a empresa transfere suas atividades para outra localidade, e à população restam escavações abandonadas, pilhas de rejeitos, contaminação do ar, do solo, dos rios e dos lençóis freáticos, além de doenças, decadência econômica e empobrecimento (ARAÚJO et al, 2014, p. 3).

Um exemplo marcante do impacto da mineração de ferro sobre o ambiente são as barragens de rejeitos. Elas são utilizadas para armazenar, como o nome indica, o que sobra do beneficiamento do minério de ferro após a extração deste nas minas.

Mesmo quando não rompem, as barragens geram impactos sérios sobre o ambiente. Sánchez (2007) escreve sobre estas estruturas: “Essas barragens interferem com o ambiente dos córregos e com as áreas marginais, nas quais a vegetação deveria ser protegida, e devem ser mantidas indefinidamente depois do fechamento da mina” (SÁNCHEZ, 2007, p. 355).

O núcleo PoEMAS traz, no relatório *Antes fosse mais leve a carga*, produzido após o rompimento da barragem de Fundão, um posicionamento crítico quanto ao uso de barragens de rejeitos, devido ao risco que estas apresentam para o meio ambiente e para as populações.

Em âmbito mundial, a expansão quantitativa dessas infraestruturas e o aumento expressivo de seus volumes contidos nos últimos 30 anos têm sido contrabalançados por eventos desastrosos em número e escala correspondentes; “aproximadamente 2 a 5 episódios de falhas em barragens de rejeito por ano” (DAVIES e RICE apud POEMAS, 2015, p. 75).

Um levantamento da Agência Nacional de Águas mostra que, em Minas Gerais, foram registrados seis rompimentos de barragens de rejeitos entre 1986 e 2015, sem contar a de Fundão, o maior de todos. Os outros desastres juntos deixaram 15 mortos e geraram danos ecológicos enormes (ANA, 2015).

6.3 Impactos do rompimento na foz do Rio Doce e no litoral capixaba

Os rejeitos de minério da barragem de Fundão percorreram quase 700 km em cursos d’água de Minas Gerais e do Espírito Santo, principalmente o Rio Doce, antes de chegarem à foz deste e alcançarem o Oceano Atlântico. No mar, continuaram a avançar, dispersados pelo vento e por correntes marítimas.

Monitoramento do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Tartarugas Marinhas, órgão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Centro Tamar-ICMBio), realizado em abril de 2016 indica que a

pluma de rejeitos “atingiu toda a costa do Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro, em proporções e concentrações desconhecidas” (CENTRO TAMAR e RVS SANTA CRUZ, 2016, p. 2). O monitoramento foi feito através de imagens de satélite e de sobrevoo de helicóptero sobre o litoral capixaba.

Análises da água e de amostras de animais marinhos foram realizadas por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em expedição conduzida pelo ICMBio na foz do Rio Doce e no litoral do Espírito Santo. Foram encontrados níveis dos metais pesados arsênio, cádmio, cobre e chumbo em concentrações variadas na água ao longo de todo o litoral capixaba, além de níveis de arsênio e cádmio acima dos níveis permitidos pela legislação em peixes e crustáceos (BIANCHINI et al., 2016).

O Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (Organon) fez um relatório sobre os impactos do rompimento da barragem de Fundão em comunidades do Espírito Santo. O documento, divulgado em dezembro de 2015, tem foco nos trechos, localizados ao longo do curso do Rio Doce, dos municípios de Baixo Guandu, Colatina e Linhares.

Os impactos descritos pelo Organon puderam ser observados durante o processo de apuração do livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama* em pequenas vilas da foz do Rio Doce e do litoral capixaba, localizadas nos municípios de Linhares, São Mateus e Aracruz.

Alguns destes impactos, descritos pelo Organon e também percebidos no processo de apuração, estão listados no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Impactos do rompimento da barragem de Fundão em comunidades do Espírito Santo.

Impactos do rompimento da barragem em comunidades do Espírito Santo
--

Inviabilização da pesca	Inviabilização das atividades ligadas à pesca
Inviabilização do surf e esportes aquáticos	Diminuição das atividades do turismo
Aumento nos gastos com água, poços, alimentação, etc.	Diminuição da renda
Medo da contaminação	Impacto sobre a saúde
Perda das atividades de lazer	Perda das tradições ligadas ao rio
Imposição de abalo emocional	Morte dos animais aquáticos
Violação da soberania alimentar	Imposição de sofrimentos individuais, sociais e ambientais às pessoas

Fonte: Elaboração dos autores a partir de Organon (2015).

Em tempos de informações compactadas para atender ao consumo acelerado de notícias por públicos cada vez mais conectados à internet, ainda é possível observar a permanência de determinadas etapas de produção da notícia, que se aplicam também ao formato reportagem. Na memória de reportagem realizada para a revista *Campus Repórter* e como Trabalho de Conclusão de Curso, Aguiar (2013) conceitua as fases que auxiliam o jornalista na análise e compreensão do tema que será transformado em informação noticiosa, sendo elas: elaboração da pauta, pré-apuração, apuração, redação e edição. Essas fases de criação foram aplicadas na construção da reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama* e são relatadas a seguir.

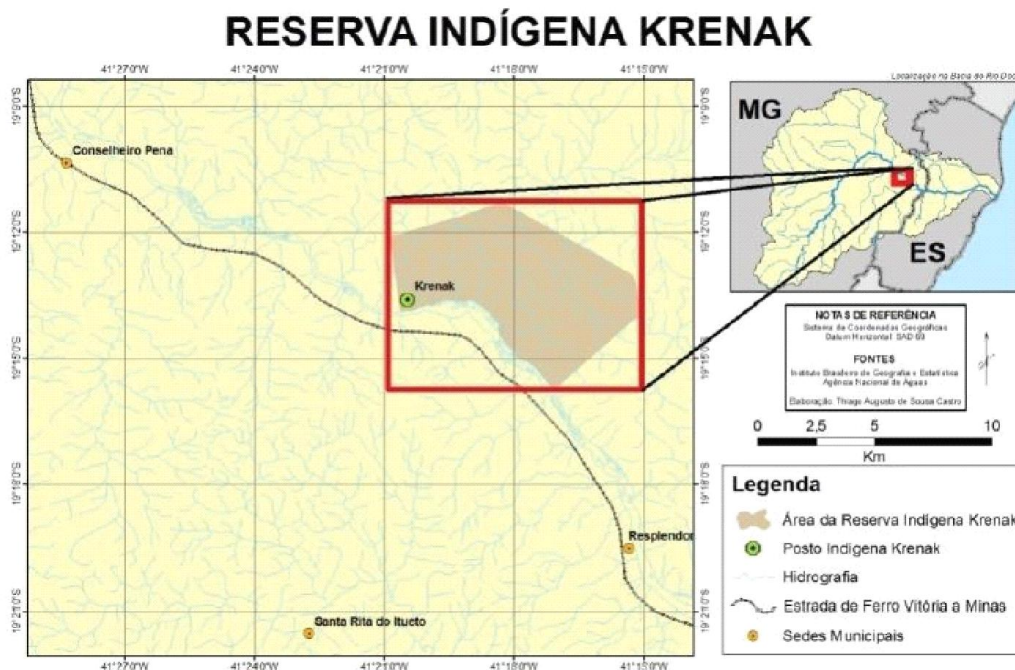
7.1 Elaboração da pauta

Nessa etapa ocorre o primeiro contato do jornalista com o assunto que se pretende noticiar. Segundo Aguiar (2013), esse é o processo em que surgem os primeiros questionamentos e dados que sustentarão a matéria. É também nessa etapa que se iniciam os contatos que tornam possível a aprovação da pauta por um conselho editorial.

A ideia de escrever sobre os impactos da lama de rejeitos de minério na vida de moradores da foz do Rio Doce e do litoral do Espírito Santo surge a partir de entrevista para outra pauta, que tratava praticamente do mesmo assunto. Inicialmente, realizávamos uma primeira aproximação do tema dos prejuízos socioambientais do desastre do rompimento da barragem de Fundão com o olhar voltado para a situação do povo indígena Krenak. Trata-se de uma população tradicional de aproximadamente 300 pessoas que vivem em território às margens do Rio Doce, no município mineiro de Resplendor, a aproximadamente 450 km de Belo Horizonte. Na Figura 1 a seguir, é possível ver a localização do território

indígena Krenak.

Figura 1 - Localização do território Krenak em Resplendor (MG).



Fonte: REIS e GENOVEZ, 2013, p. 3.

A poucas semanas da visita às aldeias Krenak, marcada para a primeira semana de agosto de 2016, recebemos uma mensagem de Douglas Krenak informando que não seria possível realizar a visita, pois a comunidade não estava recebendo pesquisadores naquele momento. Douglas era nosso principal contato dentro da Terra Indígena, considerado o embaixador das aldeias por Walison

Vasconcelos, antropólogo que estuda o povo Krenak e que foi entrevistado semanas antes do comunicado de Douglas.

Em consequência desse percalço, o repórter Victor Pires, graduando coautor desta memória de pesquisa, sugeriu que a pauta mudasse o foco para o Espírito Santo com o objetivo de investigar uma situação mencionada pela socióloga Cristiana Losekann, pesquisadora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Devido à participação da socióloga na mobilização de atingidos pela reivindicação de direitos, a equipe a entrevistou em três momentos da pré-apuração da pauta com os Krenak. Segundo Losekann, algumas vilas localizadas ao norte da foz do Rio Doce eram ignoradas pela Samarco, e pelos governos municipais, estadual e federal enquanto áreas atingidas.

Diversos pescadores e comerciantes estavam vivenciando situações de miséria e desmantelo social, uma vez que não retiravam do rio e do mar a principal fonte de renda das famílias devido ao medo da contaminação. Aqueles que retiravam, não conseguiam vender, pois o receio da intoxicação se estendia aos compradores do pescado. Muitos estavam mudando de suas cidades para buscar melhores condições de vida.

Outro especialista a influenciar a decisão de mudar a pauta para o Espírito Santo foi Bruno Milanez, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). No final de uma entrevista sobre os fatores que contribuíram para a ocorrência do desastre, realizada por nós em maio através de chamada de vídeo online, ele fez um comentário que chamou a atenção: “Se você conseguir levantar a bola do lado capixaba, acho que é relevante. Está meio que o ‘primo pobre’ da história toda. Está todo mundo falando de Minas e acho que a gente não pode esquecer do Espírito Santo”. Quando nos vimos sem a possibilidade de fazer a reportagem com os Krenak, foi mais um incentivo para a mudança de direção.

A partir das indicações, iniciamos leituras de reportagens sobre a situação na foz do Rio Doce e mapeamos outras fontes que estavam a par da situação das vilas no norte do litoral capixaba. Em agosto de 2016, em entrevista por telefone com o pesquisador em direito ambiental Gabriel Riva, ativista e integrante do Fórum das Entidades em Defesa do Rio Doce, os repórteres foram informados do evento de criação do Fórum do Norte da Foz. Era uma reunião organizada pelos atingidos das vilas para compartilhar experiências e criar o vínculo de mobilização para reivindicar direitos. Também foi a partir de Riva que fizemos os primeiros contatos com pescadores da região.

7.2 Pré-apuração

Como pode ser percebido na etapa anterior, devido a uma nova abordagem para a matéria – que mudou da situação do povo indígena Krenak para a dos moradores do litoral capixaba e da foz do Rio Doce –, a fase de elaboração da pauta ocorre paralelamente à de pré-apuração. Esta é a fase em que geralmente são feitas as ligações, agendadas as entrevistas e onde surgem alguns dos elementos fortes da reportagem. Determinadas entrevistas com especialistas realizadas na fase de pré-apuração da pauta proposta anteriormente foram aproveitadas para o novo enfoque. Antes da viagem de visita às vilas da foz, foram concluídas entrevistas, e as respectivas transcrições, com especialistas envolvidos com o tema.

Durante essa etapa, nos meses de julho e agosto de 2016, também começamos a acompanhar dois grupos no aplicativo *Whatsapp*, o grupo Fórum Norte e o grupo MAB - ES FOZ NORTE/SUL, nos quais atingidos que possuem acesso a dados móveis articulavam encontros e discussões, além de compartilhar fotos, denúncias e notícias.

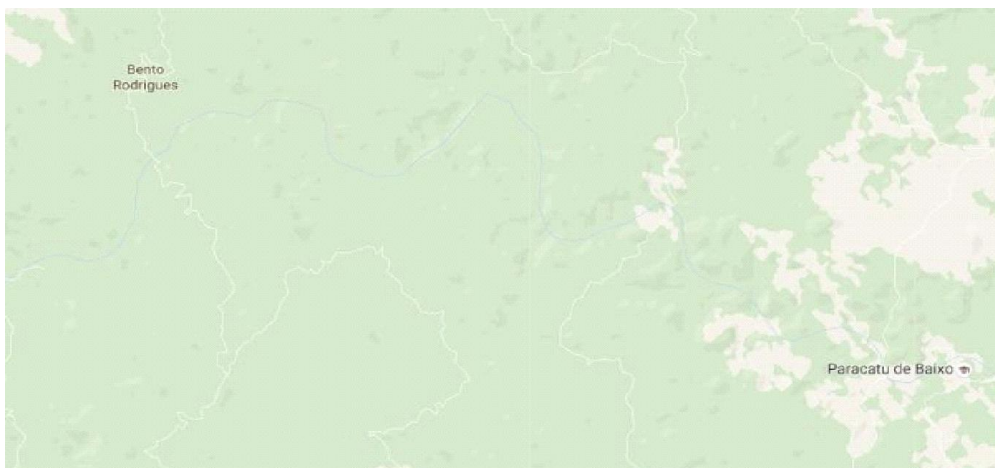
A partir desses grupos, soubemos que impactados pela lama se organizavam

junto ao Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) para participar de um encontro de atingidos em Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues, distritos de Mariana (MG). O MAB é um movimento da sociedade civil, nacional e autônomo, criado em 1991. Ele congrega pessoas e grupos impactados por barragens em torno da luta contra os modelos que utilizam estas estruturas (MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS, 2016).

A viagem estava marcada para o dia 2 de setembro de 2016, dia seguinte à nossa chegada em Linhares (ES). Articulamos com lideranças do norte da foz do Rio Doce a participação na viagem, de carona no ônibus do MAB, para que essa aproximação criasse vínculos de confiança, essenciais para uma reportagem em que os personagens são os principais narradores das histórias, e não os jornalistas.

Nesse sentido, a viagem realizada entre os dias 2 e 4 de setembro de 2016, foi um sucesso inquestionável. Logo na chegada à cidade de Paracatu de Baixo, em Mariana (MG), e nas horas seguintes, ficou claro que a relação que seria estabelecida com as fontes estaria longe de ser somente profissional. Sem o peso do gravador, da câmera e do caderno de anotações e sem a pressão de conseguir informações para entrar no produto final, as conversas fluíam. Em pouco tempo, já estávamos entrosados com os pescadores, comendo siri e tomando cerveja na cidade tomada pela lama. Sem esse descompromisso, é possível imaginar que não teríamos conseguido a abertura que tivemos de muitos deles nas entrevistas gravadas posteriormente.

Figura 2 - Localização de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, em Mariana (MG).



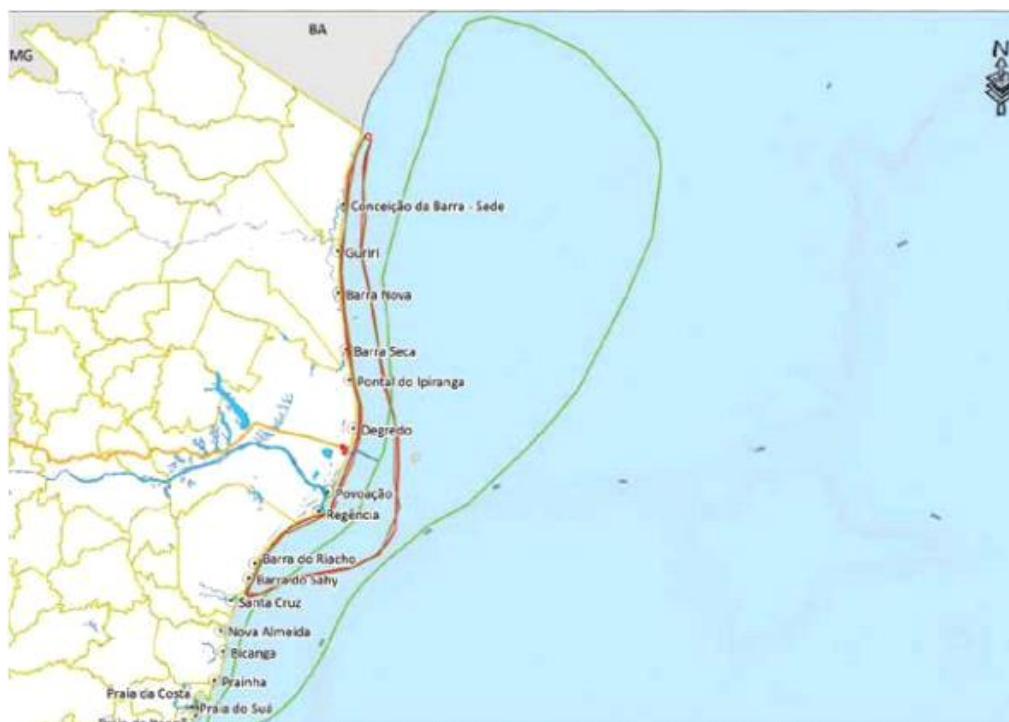
Fonte: Google Maps. Acesso em: 10 de nov. de 2016

Com a nossa experiência na disciplina Técnicas de Jornalismo, em que foi realizada em conjunto parte da apuração na pequena cidade de Ceres (GO) – em 2013 –, optamos por tentar os contatos com os órgãos municipais de Meio Ambiente e Turismo de Linhares (ES) quando estivéssemos na cidade. A estratégia mostrou-se efetiva. Foi só falar com a assistente do prefeito para conseguir os números dos respectivos secretários. Marcamos as entrevistas com eles por meio desses telefones.

Depois de conversas com três atingidos, Eliane Balke, Mônica Silva e Hauley Valim (que também é sociólogo da Faculdade Pitágoras em Linhares), os quais deram uma noção geral da situação vivenciada pela maioria das famílias, foi desenhado um roteiro de entrevistas. Era preciso prever quais contatos seriam realizados no Espírito Santo e quais seriam deixados para a semana do retorno a Brasília, uma vez que determinadas informações precisariam ser checadas. Além

disso, era fundamental buscar o outro lado, neste caso, a mineradora Samarco e órgãos públicos, acusados de negligência pelas vítimas da tragédia. Ficou estabelecido que os acusados deveriam ser questionados após as entrevistas com as populações impactadas.

Figura 3 - Localização de comunidades da foz do Rio Doce e do litoral norte do Espírito Santo.



Fonte: ECONSERVATION, 2013, p. 97.

Seguindo o modelo de apuração proposto por Pereira Junior (2009) e desenhado por Aguiar (2013), exemplos de perguntas pensadas para os diferentes personagens na etapa de pré-apuração da reportagem podem ser analisadas no

Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Roteiro de perguntas para a apuração da reportagem

As vozes da reportagem	Roteiro de Perguntas
-------------------------------	-----------------------------

- Populações atingidas na foz do Rio Doce e no litoral capixaba - personagens principais.

- Pescadores, moradores e comerciantes do litoral (ao norte e sul da foz);
- Pescadores, moradores, comerciantes e surfistas da foz;

c. Associações - pescadores, moradores, surfistas, cultura;

d. Profissionais de saúde.

- O que mudou no cotidiano após a chegada da lama ao rio e ao mar? Quais os principais prejuízos?
- Do que mais sente saudades do tempo anterior ao rompimento da barragem?
- O que a Samarco e o governo têm feito para ajudar?
- Como era o rio e o mar antes do rompimento? E agora, o que percebe?
- Tem medo de comer o pescado?
- Percebeu alguma mudança no corpo, alguma doença que possa ser relacionada à lama?
- Pretende mudar de cidade?
- Acredita que o rio e o mar voltarão a ser como antes? O que deve ser feito para que isso aconteça?
- A mobilização social tem sido importante? Por quê?

- De que forma a chegada da lama prejudicou a vida e a cultura locais?
- O que a associação tem feito para auxiliar as famílias atingidas?
- Como tem sido a articulação com a mineradora e governos?

- É possível relacionar os problemas relatados pelas

<p>2. Academia - Especialistas em meio ambiente, licenciamento ambiental, mineração, populações...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que foi observado na região da foz do Rio Doce? • Quais os principais prejuízos ambientais na região? • Quais são as condições que contribuíram para a ocorrência do desastre? • Qual é sua avaliação sobre as medidas mitigatórias tomadas até agora? • Quais são os impactos do desastre sobre as populações atingidas?
<p>3. Prefeituras de Linhares e São Mateus (ES)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quais são as áreas assistidas pelo governo? • O que tem sido feito para apoiar as famílias na reparação de danos? • Existem estudos feitos pelas prefeituras para determinar os impactos ambientais na região? • Há estimativa de quando será normalizada a situação?

<p>5. Sociedade Civil - Movimentos sociais - MAB e Fóruns</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como tem percebido a articulação da população em torno do problema? • O que tem sido feito para cobrar os direitos dos atingidos? • De que forma tem sido esclarecido para a população o problema e as maneiras de reivindicar direitos? • Qual é o histórico brasileiro de situações semelhantes às vivenciadas na bacia do Rio Doce?
---	---

Fonte: Elaboração dos autores.

A partir desse roteiro e de conversas prévias com moradores das regiões que seriam visitadas, foi previsto o cronograma descrito no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 - Cronograma de apuração da reportagem

Data (Ano de 2016)	Atividades
01 de Setembro - Dia 1	Viagem: Brasília - Vitória Vitória - Linhares.
02 de Setembro - Dia 2	Manhã - Visita à prefeitura de Linhares; Tarde - Entrevista com o sociólogo e atingido Hauley Valim; Noite - Viagem com atingidos: Linhares (ES) - Paracatu de Baixo (MG).

03 de Setembro - Dia 3	Manhã - Inserção nos grupos de atingidos (conversas sem gravação); Tarde - Entrevista com morador de Paracatu de Baixo e/ou de outra área atingida; Noite - Primeiras entrevistas gravadas com atingidos da foz do Rio Doce.
04 de Setembro - Dia 4	Manhã - Viagem: Paracatu de Baixo (MG) - Bento Rodrigues (MG); Tarde - Entrevistas gravadas com atingidos ao longo da bacia; Noite - Viagem: Bento Rodrigues (MG) - Linhares (ES).
05 de Setembro - Dia 5	Manhã - ligações para prefeituras de Linhares (ES) e São Mateus (ES); Tarde - Entrevista com oceanógrafa Fabíola Negreiros por vídeo chamada; Noite - Transcrição de entrevistas.
06 de Setembro - Dia 6	Manhã - Deslocamento Linhares (ES) - Campo Grande de Barra Nova (ES): Reunião de criação do Fórum Norte da Foz; Tarde - Reunião de criação do Fórum Norte da Foz e entrevistas; Noite - entrevistas com atingidos de Pontal do Ipiranga (ES).

07 de Setembro - Dia 7	Manhã - Viagem com atingidos: Pontal do Ipiranga (ES) - Vitória (ES): caminhada de protesto “Grito dos Excluídos”; entrevistas com atingidos; Tarde - Viagem: Vitória (ES) - Pontal do Ipiranga (ES); entrevistas com atingidos; Noite - Pernoite em Urussuquara (ES).
08 de Setembro - Dia 8	Manhã - Entrevista com atingidos de Urussuquara (ES); Tarde - Entrevista com atingidos de Degredo (ES) e prefeitura de São Mateus (ES); Noite - Pernoite em Urussuquara (ES).
09 de Setembro - Dia 9	Manhã - Entrevista com atingidos de Barra Seca (ES); Tarde - Entrevista com atingidos e associação de Barra Nova (ES); Noite - Pernoite em Pontal do Ipiranga (ES);
10 de Setembro - Dia 10	Manhã - Entrevista com atingidos e associações de Povoação (ES); Tarde - Entrevista com atingidos de Povoação (ES); Noite - Entrevista com sociólogos em Regência (ES).
11 de Setembro - Dia 11	Manhã - Entrevista com atingidos de Regência (ES); Tarde - Entrevista com associações de Regência; Noite - Retorno a Linhares (ES).

12 de Setembro - Dia 12	Manhã - Entrevista com representantes da prefeitura de Linhares (ES) e ligações para órgãos ambientais; Tarde - Entrevista com representantes da prefeitura de Linhares (ES) e ligações para órgãos ambientais; Noite - Viagem: Linhares (ES) - Vitória (ES).
13 de Setembro - Dia 13	Viagem: Vitória (ES) - Brasília (DF).

Fonte: Elaboração dos autores.

7.3 Apuração

Como observado por Aguiar (2013), a fase de apuração da reportagem é o momento de “mergulho do repórter no assunto, em que ele pode experimentar o contato direto com o fato sobre o qual deverá abordar na reportagem a ser escrita” (AGUIAR, 2013, p. 31). Nesse sentido, buscamos nos inserir no cotidiano das famílias, aceitando convites para participar de encontros, viagens, almoços e em uma noite pernoitamos na casa de um dos atingidos, o pescador Braz Fernandes. Embora tenhamos recebido outros convites para passar a noite na casa de atingidos, foi necessário recusá-los para ter também contato com donos de pousadas da região, que estão entre os prejudicados pelo desastre socioambiental.

Desde a fase de elaboração da pauta, discutimos com a orientadora Dione Moura o tipo de abordagem com os atingidos da foz do Rio Doce e do litoral capixaba. O que a equipe pretendia revelar, por meio do livro-reportagem, a partir das experiências deles? Além das orientações de Dione, dois autores foram inspiradores no sentido de indicar os caminhos da reportagem: Peter Nelson (1995), com o artigo *Ten Practical Tips for Environmental Reporting*, e Svetlana Aleksievitch (2016), com o livro *Vozes de Tchernóbil - a história oral do desastre nuclear*, que lhe

rendeu o Nobel de literatura de 2015.

Em Nelson, foi absorvido o entendimento de que o conhecimento do especialista e o conhecimento do impactado são complementares. Isso é importante para retirar da reportagem o cientificismo acadêmico, aquele tido como único capaz de cancelar a veracidade dos fatos. Ao colocar lado a lado a sabedoria acadêmica com a sabedoria do pescador, morador, surfista e comerciante, que possuem contato cotidiano com a natureza, a reportagem ganha não só em valor humano como também na construção do saber.

A partir do trabalho de Aleksiévitich de recontar a história de Tchernóbil pelos relatos das vítimas, assimilamos a importância da oralidade popular na narrativa dos fatos. A jornalista russa soube entrevistar e registrar em livro a sensibilidade humana, os medos, as saudades, a desconfiança em relação ao que dizem os governos e cientistas, o sarcasmo em meio à tragédia.

Em muitas notícias e grandes reportagens cuja proposta é a aproximação com as experiências humanas frente aos acontecimentos, percebe-se a primazia por narrativas com destaque para o que o jornalista observa. Ele é o narrador onisciente, aquele que sabe de tudo, mesmo não estando no local onde aconteceram ou estão acontecendo os fatos. A concepção geral é de que é necessário, de certa forma, usurpar a narrativa dos personagens para tornar a história mais palatável à literatura padronizada.

A escolha de Aleksiévitich (2015) por recontar a história de Tchernóbil a partir, quase exclusivamente, dos discursos das vítimas, transformando os capítulos em monólogos, revelou a grandeza da narrativa e sabedoria populares. Para além disso, colocou a jornalista no patamar de ouvinte e emissora das mensagens, e não de personagem principal da reportagem – como é comum a determinadas reportagens que emolduram o fazer jornalístico em atos de heroísmo e aventura centrados no jornalista.

Partindo dessas reflexões sobre a prática do jornalismo, decidimos experimentar uma forma de compor o livro-reportagem no estilo jornalismo literário, dando destaque às narrativas dos personagens. Para isso, durante a apuração foram anotados detalhes dos cenários e dos personagens – como eram as casas, o que havia ao redor, gestos dos personagens, expressões, quem estava por perto, o que faziam no momento em que a reportagem chegou para entrevistá-los, entre outras informações contextuais.

As entrevistas foram gravadas pelos autores e, enquanto um gravava e anotava, o outro tirava alguns minutos para fotografar. Quando findavam os relatos, revezamos para fotografar o cenário e objetos comentados durante a entrevista, como materiais de pesca, barcos, freezers e geladeiras vazios, plantações, entre outros componentes do cenário que chamavam a atenção. Também buscamos capturar pela câmera os gestos dos entrevistados, os olhares, as expressões corporais que davam mais força às falas.

Tendo em vista que as fotos deveriam documentar a reportagem, oferecendo ainda mais realidade ao que o texto levaria ao leitor, e não serem apenas imagens ilustrativas, optamos por não dar tratamento digital às fotografias.

Levamos para a viagem uma câmera Nikon D3200, com objetiva 18-55 milímetros, reservada no Laboratório de Fotografia da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Consideramos que este era um equipamento de alta qualidade e o qual já sabíamos manusear desde as aulas de Introdução à Fotografia.

Com pequenas alterações de horários e locais de visita, na maioria das vezes devido a uma entrevista que demorou mais que o previsto, o cronograma foi seguido do primeiro ao último dia. O principal prejuízo no cronograma foi a perda da entrevista com o secretário de Meio Ambiente de São Mateus (ES), agendada para o oitavo dia de reportagem. Havíamos combinado a entrevista com dois dias de antecedência, porém ocorreu uma demora na visita a um casal de pescadores em

Urussuquara (ES).

A pouca experiência com as estradas capixabas fez com que nos atrasássemos dez minutos para chegar à sede da Secretaria de Meio Ambiente, em São Mateus, a aproximadamente 40 km de distância de Urussuquara. Informamos sobre o atraso, mas mesmo assim demos com as portas fechadas e o assessor do secretário não atendia às ligações.

Em cada visita, surgiam vínculos de confiança com os atingidos. Esses vínculos permitiram o compartilhamento de memórias, angústias, incertezas, indignações, desejos e opiniões. Por outro lado, uma das primeiras entrevistadas, a pescadora Suely Martinelli, de Urussuquara, demonstrou desconforto ao falar sobre o assunto, dando respostas com frases curtas e demorando a responder. Ao final, comentou que estava com poucas esperanças e depressiva, uma vez que não sabia como encontrar meios de alimentar os dois filhos pequenos.

Outro caso que chamou atenção foi o do pescador José de Araújo, de Degredo (ES), que após alguns dias da entrevista, num segundo encontro com a equipe, pediu que trechos da entrevista não fossem publicados. O pescador havia acabado de receber uma ligação da Samarco informando que o cartão-auxílio seria entregue em breve, o que o deixou com receio de represálias.

O relato de Suely e o pedido de José nos deixaram preocupados sobre como deveriam ser abordados temas delicados como aqueles, que envolvem a vulnerabilidade de pessoas, perdas, inseguranças e, principalmente, o abandono dos responsáveis pelo desastre. No entanto, encontramos mais abertura nas entrevistas seguintes, que expuseram os cotidianos, as saudades e as lutas frente às empresas e ao Estado, o que reforçou a vontade de que essas histórias fossem registradas e sobrevivessem à ação do tempo e ao esquecimento.

Ainda nessa fase, exercitamos a verificação, uma prática considerada elementar por Kovach e Rosenstiel (2004) entre os elementos jornalísticos. De

acordo com os autores, é a partir da verificação que a narrativa jornalística se separa de uma obra ficcional, pois deve buscar se aproximar o máximo possível dos fatos. Para tanto, é necessário “pôr de lado os rumores, os mexericos, as falhas da memória, os interesses manipulativos e captar algo da forma mais exata possível” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, pp. 73-74).

Seguindo esses preceitos, buscamos confirmar as mesmas informações com mais de um entrevistado, como a questão dos animais mortos, o medo da contaminação, a aparição de problemas de saúde, os conflitos nas comunidades e a desigualdade na distribuição dos cartões emergenciais pagos pela mineradora Samarco aos atingidos. Além disso, apuramos com órgãos governamentais, a própria mineradora e lideranças locais as informações e denúncias passadas pelos moradores impactados pela lama de rejeitos de minério.

7.4 Redação

A escrita de uma reportagem a quatro mãos – contando ainda com as orientações de edição da orientadora da pesquisa à medida em que recebia os textos – foi uma experiência nova para nós. Nenhum dos dois havia feito antes um trabalho de tanto fôlego jornalístico, menos ainda em dupla. Dessa maneira, a escrita de uma primeira reportagem para a *Revista Campus Repórter*, com a mesma pauta, logo após a chegada da viagem ao Espírito Santo, ajudou a ver o que dava certo ou não e a guiar o trabalho que seria realizado no livro-reportagem.

A forma de dividir a escrita se deu por grandes temas, que acabaram virando os capítulos do livro. Ficou acordado que o prólogo seria escrito em conjunto, a partir da utilização do recurso online Documentos Google, que permite o acompanhamento em tempo real da escrita.

Uma importante decisão editorial da dupla no momento da redação foi a

colocação de falas longas dos personagens - ou aspas, no jargão jornalístico - como um recurso para permitir que os próprios atingidos contassem as histórias. Entendemos que essa era uma forma de não só valorizar a linguagem não acadêmica, o que se alinha ao estilo jornalismo literário, mas também de não se apoderar das narrativas dessas pessoas para atender a um padrão linguístico. Também optamos por manter alguns “erros” gramaticais cometidos pelos personagens durante as entrevistas, a fim de tornar o produto mais de acordo com a realidade.

Para que a escolha das falas longas desse certo e não atrapalhasse o fluxo de leitura da reportagem, nós decidimos, junto com a diagramadora Jéssica Martins, adotar as aspas capitulares, com maior transparência e posicionada por detrás da primeira e da última linhas do discurso. Essa foi uma forma de marcar onde começavam e onde terminavam as narrativas dos personagens diferenciando-as do texto descritivo baseado no olhar dos repórteres.

O capítulo 1, por ser composto de partes bem definidas, histórias e frases de personagens entrevistados, foi dividido de acordo com a história que cada um gostaria de escrever a partir das entrevistas realizadas na viagem feita com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) a Mariana (MG). O capítulo 2, composto de falas dos personagens, foi elaborado em conjunto, a partir da seleção de falas significativas sobre os problemas abordados na reportagem e que tinham como elemento centralizador a perda.

A divisão dos capítulos seguintes (descritos de maneira superficial) ficou assim: a Luana Brasil, graduanda coautora dessa memória de pesquisa, ficou responsável por escrever as primeiras versões dos capítulos sobre impactos do desastre no meio ambiente (4); impactos sociais do desastre (6); e mobilização social dos atingidos (8). O Victor ficou com o capítulo sobre as condições que levaram ao desastre (3); impactos sobre a pesca e a subsistência (5); e impactos sobre comércio, cultura, turismo e esporte (7).

O Quadro 4, a seguir, traz maiores detalhamentos sobre os planejamentos para cada capítulo.

Quadro 4 - Capítulos do livro-reportagem, com temas e personagens.

Capítulo	Conteúdo	Personagens
Prólogo: Feridas de um desastre ambiental e humano	Apresentação do livro; descrição breve sobre o desastre	-----
Capítulo 1: Memórias da lama	Histórias de moradores de comunidades impactadas pela lama no curso do Rio Doce	Impactados: Welidas Monteiro; Cecília Gonçalves; Simone Silva; Wester de Souza; André Augusto; Guilherme Camponês; Regiane Soares; Maria do Carmo.
Capítulo 2: Acabou tudo	Falas dos moradores da foz do Rio Doce e do litoral capixaba sobre as perdas e saudades que tiveram depois do desastre	Impactados: Geronildo dos Santos; Suelly Martinelli; Braz Dias; Eliane Balke; José Costa; Adenísia Sena; Elza da Silva; Thalena Maciel; Maria Buecker; Edson Barbosa; Geronildo dos Santos.
Capítulo 3: Sucessão de erros	Fatores que contribuíram para que o desastre ocorresse	Impactado: Daniel de Oliveira Especialistas: Alfredo Costa; José Vervloet; Luiz Wanderley; Bruno Milanez.

<p>Capítulo 4: Leito de morte</p>	<p>Impactos ao ambiente físico, à fauna e à flora; percepções dos atingidos sobre os impactos; dados de pesquisas.</p>	<p>Impactados: Adenísia da Silva; Braz Dias; Fábio Gama; Gilmar Abelina; Creusa Campello; Eliane Balke; Élcio de Oliveira; Elza Raimundo; Rones Passos.</p> <p>Lideranças comunitárias (também impactados): Mônica Silva; Simião Santos.</p> <p>Órgãos do governo: João Carlos Thomé; Roberto Vervloet.</p> <p>Especialistas: Alfredo Costa; Fabíola Amorim; Antônio Carlos Marques; Lucília Miranda; Miguel Fellipe; Dante Pavan; Apolo Lisboa; Bruno Milanez; Lucas Oliveira.</p> <p>Samarco (assessoria de imprensa).</p>
-----------------------------------	--	--

<p>Capítulo 5: Onde estão os peixes?</p>	<p>Impactos do desastre sobre a pesca e a subsistência de habitantes das comunidades pesqueiras do litoral do Espírito Santo</p>	<p>Impactados: Paulo Costa; Sebastião Pereira; Gilmar Abelina; Creusa Campelo; Suely Martinelli; Fred Neves; José de Araújo; Cleia Costa; Pedro Costa; Élcio Oliveira; Eliane Balke; Albertino Romualdo; Enoque Castello; Maria da Penha Romualdo; Geronildo Santos.</p> <p>Lideranças comunitárias (também impactados): Adecio de Sena; José Costa.</p> <p>Órgãos do governo: João Thomé; Júlio Gonçalves; Daniel Crepaldi.</p> <p>Especialistas: João Paulo Izoton; Cristiana Losekann; Marcos Zucarelli; Bruno Milanez; Miguel Fellipe.</p> <p>Samarco (assessoria de imprensa).</p>
--	--	---

<p>Capítulo 6: Rejeitos na foz</p>	<p>Impactos do desastre e das ações mitigatórias da Samarco sobre a vida das comunidades visitadas; impactos sobre a saúde;</p>	<p>Impactados: Gilmar Abelina; Braz Dias; Élcio de Oliveira; Rones Coutinho; Nilza Barbosa; Suely Martinelli; Eliane Balke; Creusa Campello; Albertino Romualdo; Sebastião Pereira.</p> <p>Lideranças comunitárias (também impactados): Milton Jorge; Andrea Aparecida; Simião dos Santos; Antônio Carlos.</p> <p>Especialistas: Hauley Valim; Cristiana Losekann; Flávia Amboss; João Paulo Izoton; Camilla Veras; Sheila Ramos; Clarissa Santos.</p> <p>Samarco (assessoria de imprensa).</p>
------------------------------------	---	---

<p>Capítulo 7: Fuga dos turistas</p>	<p>Impactos do desastre sobre os comerciantes, as manifestações culturais, o fluxo de turistas nas vilas e sobre o surfe, principal esporte dos locais visitados.</p>	<p>Impactados: Gilmar Abelina; Crenildo dos Santos; Elimar Silva; Sivaldo Conceição; Simony Silva; Hauley Valim; Thalena Maciel; Lucilene Lozer; Luiza de Leão; Fábio Gama; Lucas de Oliveira; Adrian Xavier.</p> <p>Lideranças comunitárias (também impactados): Simião dos Santos; Adecide Sena; Cláudia Teixeira; Claudionor Soares; Mônica Silva; Rodrigo Venturini.</p> <p>Especialistas: João Paulo Izoton; Hauley Valim; Eric Mazzei; Fabíola Amorim.</p> <p>Órgãos do governo: José Carlos Fiorot.</p>
--------------------------------------	---	--

<p>Capítulo 8: Feixes de vime</p>	<p>Mobilizações sociais dos atingidos pelos rejeitos em busca de direitos.</p>	<p>Impactados: Thalena Maciel; Eliane Balke; Gilmar Abelina; Maria Buecker; Enoque Castello; Simony Silva; Rones Passos; Edson Barbosa; Nilza Barbosa.</p> <p>Lideranças comunitárias (também impactados): José Costa; Geovane Souza; Adecy de Sena; Simião Barbosa; Antônio Carlos.</p> <p>Órgãos do governo: Rafael Portella.</p> <p>Especialistas: Gabriel Riva; Flávia Amboss; Marcos Zucarelli; Cristiana Losekann; Hauley Valim.</p>
-----------------------------------	--	--

Fonte: Elaboração dos autores.

7.5 Edição

O trabalho de edição da reportagem foi realizado paralelamente à escrita. Quando um dos repórteres terminava de escrever um capítulo (para aqueles que não eram escritos em dupla), avisava ao outro para que fosse feita uma leitura da

primeira versão e apontadas observações, correções e sugestões de informações faltantes que deveriam entrar. O uso dos Documentos Google também foi essencial nesta etapa.

Assim que o autor da primeira versão do capítulo em questão terminava de ler as sugestões e aplicar (ou não, quando não fosse o caso) as correções sugeridas, era feita mais uma leitura pelos dois, e então o arquivo de texto podia ser enviado à orientadora Dione Moura, para avaliação.

Assim que a orientadora devolvia o texto com novas sugestões de mudanças necessárias, o repórter responsável pela primeira versão do capítulo fazia todos os ajustes necessários. A partir daí, mais uma rodada de leituras da dupla acontecia. Depois desta nova leitura pela dupla e de novas eventuais correções, o jornalista Raphael Veleda, que topou ajudar no trabalho de revisão, lia e indicava novas sugestões.

O texto seguia para uma etapa de revisão e novas leituras da dupla. Por fim, depois de todas as correções, os dois repórteres e o revisor Raphael faziam mais uma última rodada, para fechar. Depois desta, os textos eram enviados para a diagramadora, Jéssica Martins, que já havia iniciado os trabalhos de diagramação com base nas primeiras versões, para adiantar o processo.

Para os capítulos feitos em dupla, os repórteres faziam uma leitura depois da conclusão e enviavam para a orientadora. Depois de receber o texto de volta, um dos dois aplicava as sugestões e faziam mais uma leitura. Depois, enviavam o texto para o Raphael, que fazia os comentários necessários. Por fim, depois de mais uma última leitura, enviavam a versão final para a Jéssica.

Após o envio das versões finais para a diagramadora, selecionamos as fotografias para a reportagem e fizemos as legendas para cada uma delas. Cada repórter ficou responsável por escolher as fotos do capítulo que escreveu, mantendo o diálogo constante para evitar fotos repetidas. Depois, mais revisões

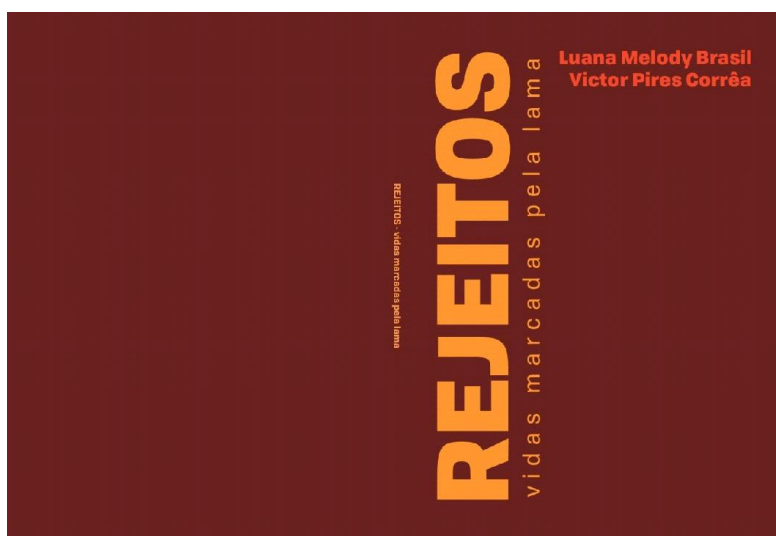
eram feitas em conjunto para avaliar se as fotos estavam boas.

Também nesta etapa, as sugestões da orientadora, Dione Moura, foram importantes. Depois de enviarmos as versões dos capítulos já diagramados, com as imagens, ela opinava sobre vários aspectos, desde o tamanho dos boxes até as opções de imagens. Inclusive, nas primeiras versões, os capítulos tinham predomínio muito maior do texto, em detrimento das fotografias. Foi a partir de uma dessas sugestões que optamos por aumentar o número de imagens no livro, o que foi uma decisão acertada e melhorou a cara do trabalho e o fluxo de leitura. Além das fotografias, os infográficos, ilustrações e boxes também foram pensados por toda a equipe juntamente com a orientadora.

7.6 Elaboração da capa

Outra decisão feita em conjunto entre a dupla, diagramadora e orientadora foi em relação à capa do livro-reportagem. Em um primeiro momento, iríamos fazer uma capa com uma ilustração, da cor marrom, em referência à lama (é possível ver uma primeira versão da capa, sem a ilustração, na Figura 4 a seguir). Já havíamos conversado com o ilustrador, Átila Perassa, à época estudante de Desenho Industrial na Universidade de Brasília, para ele iniciar o desenho.

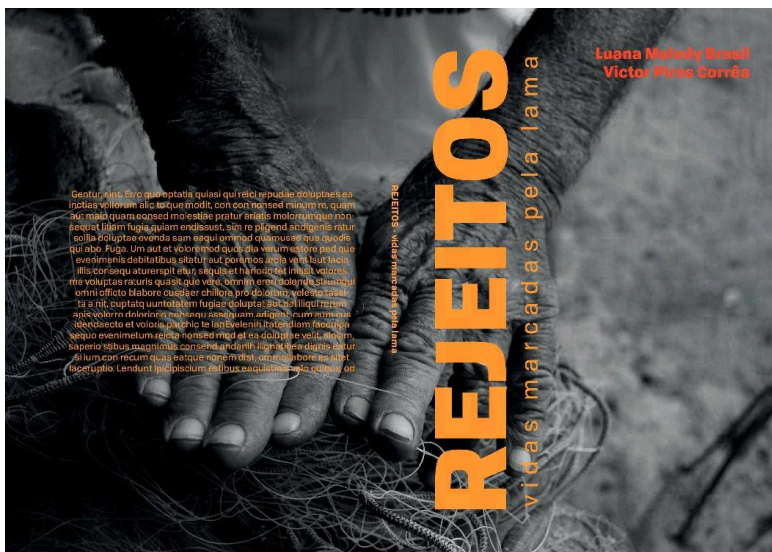
Figura 4 - Primeira versão da capa



Fonte: Elaboração de Jéssica Martins.

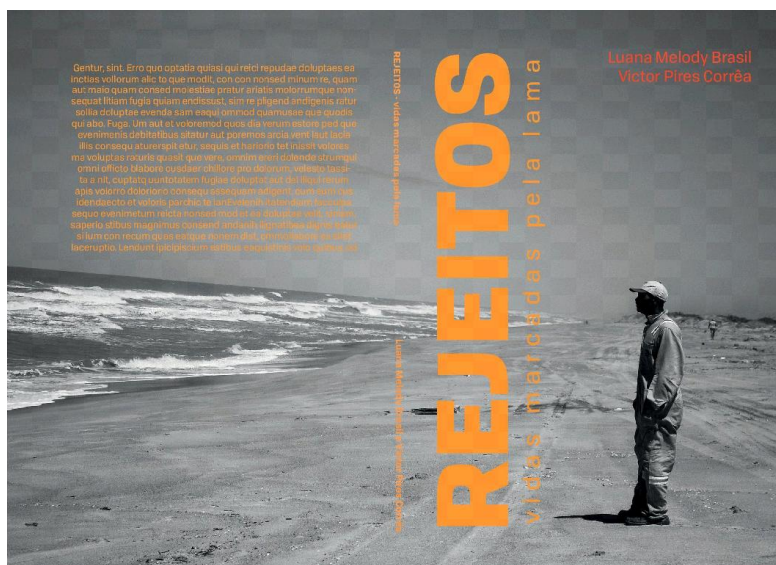
Após uma reunião com a orientadora, em que ela reforçou a importância da fotografia na reportagem e sugeriu testarmos uma capa com uma foto que representasse o tema do livro, sugerimos duas imagens para a diagramadora, que fez o design com base nelas. Gostamos do resultado das duas fotos em preto e branco, mas a opção escolhida foi a capa com o pescador Pedro Costa, de Degredo, no município de Linhares (ES), parado na beira do mar, olhando o horizonte. As duas opções de capas com as imagens são expostas nas Figuras 5 e 6 a seguir.

Figura 5 - Primeira opção de capa com uso de fotografia.



Fonte: Elaboração de Jéssica Martins.

Figura 6 - Segunda opção de capa com uso de fotografia.



Fonte: Elaboração de Jéssica Martins.

7.7 Orçamento

O orçamento individual da apuração é descrito no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 - Orçamento da apuração do livro-reportagem.

TIPO DE GASTO		VALOR (EM REAIS)
Transporte	· Aéreo (Ida e volta; com taxas)	· 445
	· Ônibus Vitória-Linhares (ida e volta)	· 260
	· Aluguel de carro Linhares (para a dupla)	· 840
Alimentação (14 dias)	Alimentação por dia (média p/ pessoa)	· 55

Hospedagem (9 dias)	Pernoite (média p/ pessoa)	50
	TOTAL (por pessoa)	2345

Fonte: Elaboração dos autores.

Houve outros gastos – como a compra de um chip telefônico do Espírito Santo e pilhas para os gravadores – mas a equipe decidiu não incluí-los, dada a dificuldade de reunir, de memória, todos estes custos menores da viagem. Preferimos manter apenas os gastos principais que tivemos.

Importante notar que o número de pernoites registrado no Quadro 5 é menor do que o tempo de apuração porque não tivemos de pagar por todas as dormidas. Primeiro, um dia depois de chegar, foi feita uma viagem com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e a noite foi passada em barracas de integrantes do movimento. Depois, um dos pescadores recebeu a dupla em sua casa por uma noite. Enfim, o último dia foi passado em Vila Velha, perto da capital do estado, onde mora um tio da Luana que acolheu a dupla.

Também não há o valor exato de cada refeição, e nem seria interessante reunir todos. Foi feita uma média do quanto gastamos por dia com comida, assim como para as pernoites.

A Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília auxiliou a dupla com R\$ 670,00 para cada, uma vez que iríamos produzir material para a *Revista Campus Repórter*. Foi uma ajuda bem vinda, mas a maior parte dos custos tiveram de sair do bolso dos estudantes.

7.8 Equipe de produção da reportagem

Orientação de edição

A professora da Faculdade de Comunicação, Dione Oliveira Moura, orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso, auxiliou na construção da versão final da reportagem com indicações de leituras e sugestões do que deveria ser alterado no texto, principalmente em termos de precisão. Além disso, ela orientou o trabalho de diagramação, inclusive na elaboração da capa e no desenho e composição editorial de cada capítulo, como fotografias, infográficos e outros elementos gráficos.

Repórteres e fotógrafos

O trabalho de apuração, fotografia e redação foi feito em conjunto pela dupla Luana Melody Vasconcelos Brasil e Victor Pires Ferreira Corrêa, estudantes formandos do semestre 2/2016 de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Diagramadora

A diagramação foi feita por Jéssica Martins, jornalista formada na FAC/UnB no semestre 2/2015. Ela foi colega da dupla durante a graduação e, tendo afinidade com a equipe, topou auxiliar na construção da obra. Além disso, ajudou na elaboração dos materiais visuais da reportagem, como gráficos e boxes, além da capa.

Ilustrador

O ilustrador foi Átila Perassa, à época estudante do curso de Desenho Industrial da Universidade de Brasília. Ele, no segundo semestre de 2016, cursou uma disciplina com a repórter Luana Brasil, espaço onde ela apresentou o trabalho e o trouxe para a equipe de produção do livro-reportagem.

Revisor

O jornalista Raphael Veleda, amigo da dupla de repórteres, auxiliou no trabalho de revisão dos capítulos do livro-reportagem. Com o conhecimento acumulado em seus anos de jornalista profissional, deu valiosas sugestões, tanto na parte de revisão ortográfica, quanto na questão das informações do texto.

7.9 Cronograma da pesquisa

Antes da definição das consequências do rompimento da barragem de Fundão como pauta do livro-reportagem, cada membro da dupla tinha temas de Trabalho de Conclusão de Curso separados, que seriam realizados individualmente. A partir de sugestão da graduanda Luana Brasil, em dezembro de 2015, o novo tema foi abraçado pela dupla. A mudança foi motivada pela relevância e atualidade do novo tema, além da oportunidade única proporcionada por uma apuração e redação tão desafiadoras.

Num primeiro momento, a ideia era apurar as consequências do desastre sobre o povo indígena Krenak, residente na Terra Indígena (TI) de mesmo nome, no município de Resplendor (MG). A pré-apuração foi voltada para este foco, mas foi possível aproveitar informações gerais, como as condições que contribuíram para o desastre (licenciamento ambiental, cenário econômico e político e estrutura da barragem, por exemplo).

A primeira entrevista da reportagem foi com o jornalista e pensador Ailton Krenak. A conversa com ele foi realizada no Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília, e foi um incentivo para a dupla. A partir do contato com ele, foram iniciadas as conversas com lideranças da TI Krenak.

A princípio, elas mostraram interesse na visita da dupla e na produção da reportagem. Dessa forma, em março de 2016, iniciamos os procedimentos junto à Fundação Nacional do Índio (Funai) para conseguir autorização de ingresso na TI. A burocracia do órgão faz com que esta autorização leve meses para ser emitida.

A partir da metade do ano, por volta de maio ou junho, o contato com os Krenak ficou mais difícil. As mensagens não eram respondidas, apesar da

insistência, e muitas das ligações não eram atendidas. No fim de junho, recebemos uma mensagem de uma das lideranças avisando que não seria mais possível fazer a reportagem com eles, devido a problemas internos.

Foi uma situação complicada. Precisávamos de um novo tema logo, o que não era fácil. Por sorte, foi feita uma entrevista em junho de 2016 com a socióloga Cristiana Losekann, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que nos expôs a situação complicada do estado e a quase invisibilidade na mídia, em comparação com Minas Gerais. Surgiu com essa conversa as primeiras ideias sobre a possibilidade de fazer uma reportagem junto à população capixaba.

Em uma segunda entrevista em julho, a socióloga nos avisou sobre mobilizações políticas de comunidades do litoral norte do Espírito Santo para lutar por direitos. As movimentações estavam marcadas para o início de setembro de 2016. Quando ela nos deu essa informação, foi como se ela tivesse acendido uma luz para nosso trabalho.

A partir de conversas com outros cientistas sociais do Espírito Santo e com lideranças comunitárias locais, em agosto foi definida a data da viagem, para o início de setembro de 2016. Olhando em retrospecto, impressiona a velocidade com que todo este processo, desde a definição do novo tema até a realização da viagem, aconteceu.

Na volta da viagem, o trabalho ficou concentrado na transcrição de todas as entrevistas, entre a segunda metade de setembro e o início de outubro de 2016. Depois desta etapa, teve início a redação. Primeiro, a dupla escreveu a reportagem que seria veiculada na revista *Campus Repórter*. Depois, foram escritos os capítulos do livro-reportagem e, após eles, o memorial da reportagem. As etapas da produção da reportagem são listadas no Quadro 6.

Quadro 6 - Cronograma de produção do livro-reportagem.

JANEIRO DE 2016	FEVEREIRO DE 2016	MARÇO DE 2016
------------------------	--------------------------	----------------------

<p>Primeiras leituras mais atentas sobre o tema (rompimento da barragem e consequências); Definição do foco (indígenas Krenak); aviso à orientadora sobre o novo tema.</p>	<p>Leituras sobre o tema (rompimento da barragem e consequências); Leituras sobre os Krenak; definição das burocracias a serem resolvidas junto à Funai para entrada em terra indígena.</p>	<p>Leituras sobre o tema (rompimento da barragem e consequências); leituras sobre os Krenak; início da retirada de documentos para entrada em terra indígena; primeira entrevista (Ailton Krenak); início do contato com lideranças Krenak.</p>
ABRIL DE 2016	MAIO DE 2016	JUNHO DE 2016

<p>Leituras sobre o tema (rompimento e consequências); leituras sobre os Krenak; início da pré-apuração junto a especialistas em mineração, licenciamento e barragens; processo de retirada de autorização para entrada em terra indígena; contato com lideranças Krenak.</p>	<p>Leituras sobre o tema (rompimento e consequências); leitura sobre os Krenak; apuração com especialistas em mineração, licenciamento e barragens; autorização para entrada em terra indígena; contato com lideranças Krenak.</p>	<p>Leituras sobre o tema (rompimento e consequências); leitura sobre os Krenak; apuração com especialistas em licenciamento, mineração, barragens e as consequências do desastre; início da pré-apuração junto a fontes do governo; contato com lideranças Krenak; autorização para entrada em terra indígena; primeiro contato com o problema do Espírito Santo, em entrevista com cientista social; aviso sobre a impossibilidade de visita às aldeias Krenak.</p>
<p>JULHO DE 2016</p>	<p>AGOSTO DE 2016</p>	<p>SETEMBRO DE 2016</p>

<p>Leituras sobre o tema (rompimento e consequências); busca por novo foco; continuação da apuração com especialistas e fontes do governo; pesquisas sobre o problema do rompimento no Espírito Santo; início da leitura de textos teóricos; transcrição das entrevistas.</p>	<p>Leituras sobre o tema (rompimento e consequências); definição de novo foco a partir de entrevista com cientista social; leituras sobre a situação capixaba; apuração com especialistas e fontes do governo; contato com lideranças comunitárias do ES; leitura dos textos teóricos; definição da viagem e compra das passagens.</p>	<p>Viagem para apuração e fotografia (1 a 14 de setembro); leituras sobre o tema (rompimento e consequências); apuração com especialistas e fontes do governo; leituras de textos teóricos; redação da reportagem da Campus Repórter; início da redação do livro-reportagem; contato com a Samarco.</p>
OUTUBRO DE 2016	NOVEMBRO DE 2016	DEZEMBRO DE 2016
<p>Leituras sobre o tema (rompimento e consequências); apuração junto a especialistas e fontes do governo; leitura de textos teóricos; redação do livro-reportagem; início da diagramação; respostas da assessoria de imprensa da Samarco; edição da reportagem; início da elaboração da capa; escrita do memorial.</p>	<p>Fechamento da reportagem; fechamento da diagramação; seleção das fotos para a reportagem; definição da capa; fechamento do memorial; impressão do memorial e da reportagem para a banca.</p>	<p>Apresentação do TCC; ajustes no produto e na memória.</p>

Fonte: Elaboração dos autores.

8. Considerações finais

A produção do livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama* foi, em mais de um aspecto, uma experiência única para a dupla. Poder abordar um assunto tão relevante e atual, com tanto tempo de apuração e liberdade editorial é uma oportunidade difícil de enxergar fora da universidade, no mercado de trabalho. Ainda mais em um tempo marcado pela cobertura jornalística apressada, feita dentro das salas de redação, por telefone, sem contato com quem sofre, com as fontes anônimas do cotidiano.

Sabemos que todo o processo de realização dessa obra deixou em nós marcas que dizem respeito à nossa profissão, às nossas reflexões pessoais e à nossa atuação cidadã. Mesmo que no futuro não possamos produzir uma reportagem com profundidade, cuja experiência trazemos a partir deste trabalho baseado no jornalismo ambiental, alguns princípios serão nossos condutores: a importância da aproximação com as fontes, o olhar atento às relações políticas, econômicas, históricas e sociais entre os fatos, a valorização do saber popular e a não hierarquização das fontes.

Tínhamos a visão de que era necessário aproveitar o Trabalho de Conclusão de Curso para experimentar e desenvolver um projeto que pudesse ter impactos sociais e que nos pudesse ajudar a crescer como jornalistas e como cidadãos. Além disso, entendemos que após cinco anos de estudos numa universidade de ensino público, era o nosso dever com a sociedade realizar um trabalho que não ficasse disponível apenas para a academia.

Em novembro de 2015, nós acompanhamos atônitos, como o resto do país, o rompimento da barragem de Fundão e os dias de avanço da lama pelo Rio Doce. Por meio de reportagens televisivas, em sites de notícias e jornais, os desdobramentos do desastre iam sendo vistos em tempo real. Acompanhávamos o

desastre, sabíamos que era o maior da história do país, mas mesmo assim não conseguíamos enxergar a real dimensão da tragédia.

Em reuniões de orientação, a professora Dione Moura nos alertou de que se tratava de uma tragédia que ainda estava em curso. Por esse motivo, muitas das respostas que buscávamos ainda demorariam a aparecer, como a capacidade de recuperação da natureza contaminada pelos rejeitos de minério e o tempo necessário para isso, que tipo de punição seria dada aos culpados, quais doenças apareceriam em quem consumisse os alimentos e água com metais tóxicos.

A observação de Dione, ainda que de relevância inestimável, não nos esmoreceu, pelo contrário, pois o nosso principal objetivo era registrar os relatos dos atingidos. O contato com as pessoas da foz do Rio Doce e do litoral do Espírito Santo, nos municípios de Linhares, São Mateus e Aracruz, foi o que nos ajudou a entender um pouco mais o que foi o maior desastre da história brasileira, expressão repetida inúmeras vezes e, pela repetição, tão banalizada.

Ver o pescador sentado na porta de casa, tendo de colher o aipim antes do tempo para não passar fome. Ouvir um pai triste porque não consegue mais pagar a faculdade dos filhos, antes motivo de orgulho paterno. Ver as lágrimas nos olhos da mãe que não tem mais dinheiro e nem peixe para alimentar os filhos e tem de resistir com doações. Ver os móveis amontoados para a mudança do casal de pescadores que não tem mais como pagar o aluguel e tem de sair, contra a vontade, da comunidade que escolheram para viver.

São histórias que se acumulam e ajudam a ver o desastre com um olhar mais humano, com uma dimensão mais real e palpável. E, apesar de todas as dificuldades e tristezas enfrentadas, nos impressionou também a disposição das pessoas em nos acolher, em nos receber em seus lares, em contar histórias bem humoradas do passado, em dividir risos e experiências.

No caso dos atingidos pela lama de rejeitos de minério, era preciso uma

imersão, ainda que breve, nas rotinas dos entrevistados. Além da confiança conquistada para que pudéssemos registrar suas histórias, era a partir dessa imersão que conseguiríamos despertar em nós mesmos a sensibilidade necessária para retratar a partir do texto e fotografia as situações vivenciadas nas comunidades da foz do Rio Doce.

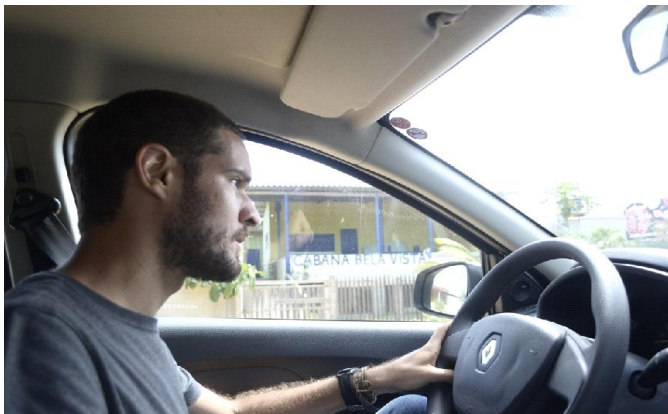
Ficou bem claro que estas pessoas tinham a necessidade de falar do que estavam vivendo, de tentar entender e passar para a frente a situação em que se encontravam, tão nova e tão amarga. A abertura que tivemos da maioria das pessoas com quem conversamos foi impressionante. Pareceu claro que, estando tão acostumadas a serem ignoradas pelos jornais, governo e culpados pelo rompimento, aproveitaram nossa presença para reclamar, lembrar, desabafar e chorar.

É para estas pessoas que este trabalho foi feito.

9. Galeria de bastidores

A seguir, é possível conferir algumas fotografias tiradas durante o trabalho de apuração do livro-reportagem *Rejeitos: vidas marcadas pela lama*. As imagens (Figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14) mostram diferentes partes do processo, como o transporte, as entrevistas, as visitas aos locais de pescaria e as transcrições de entrevistas feitas ainda no Espírito Santo. Algumas das fotos foram tiradas por Eliane Balke, pescadora de Urussuquara, vila de São Mateus (ES), e por Antônio Carlos, cacique da aldeia de Comboios, em Aracruz (ES).

Figura 7 - Graduando Victor Pires dirige o carro alugado para o deslocamento entre as comunidades visitadas.



Crédito: Luana Brasil.

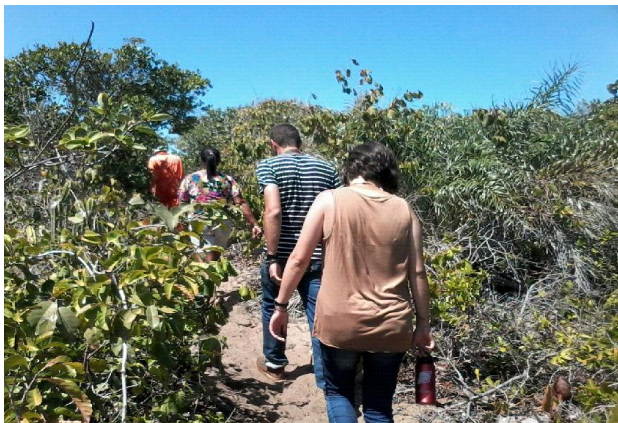
Figura 8 - Graduanda Luana Brasil em frente ao point, local de surfe perto de

Regência Augusta, em Linhares (ES).



Crédito: Victor Pires.

Figura 9 - Visita à praia de Degredo, em Linhares (ES), com família de pescadores.



Crédito: Eliane Balke.



Figura 10 - Graduando Victor Pires

observa o mar perto de Povoação, em Linhares (ES).

Crédito: Luana Brasil.

Figura 11 - Entrevista com família de pescadores de Degredo, em Linhares (ES).



Crédito: Eliane Balke.

Figura 12 - Entrevista com o pescador Sebastião Pereira, em Barra Seca, Linhares (ES).



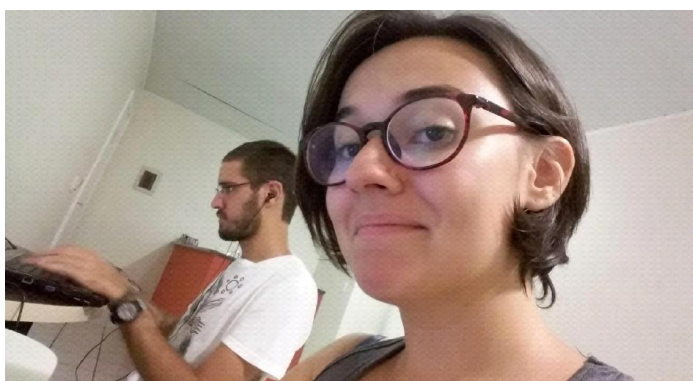
Crédito: Eliane Balke.

Figura 13 - Entrevista com o professor indígena Rones Coutinho, na aldeia de Comboios, em Aracruz (ES).



Crédito: Antônio Carlos.

Figura 14 - Transcrição de entrevistas no quarto de hotel em Linhares (ES).



Crédito: Luana Brasil.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Gustavo Nunes de. **Reportagem *As fiapeiras de Frecheirinha - o trabalho escravo urbano no interior do Brasil***. Memorial do produto. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). **Encarte Especial Sobre a Bacia do Rio Doce - Rompimento da Barragem em Mariana MG**. Superintendência de Planejamento de Recursos Hídricos. Ministério de Meio Ambiente, Brasília, DF, 2016.

BELMONTE, R. V.; STEIGLEDER, D. G.; MOTTER, S. B. **Jornalismo ambiental: um discurso sobre risco e limite**. In: 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2014, Santa Cruz do Sul - RS. 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2014.

BIANCHINI, Adalto et al.. **Avaliação do impacto da lama/pluma Samarco sobre os ambientes costeiros e marinhos (ES e BA) com ênfase nas Unidades de Conservação**. 1a Expedição do Navio de Pesquisa Soloncy Moura do CEPSUL/ICMBio, 2016.

BOSSI, Dário et al. **Reféns da riqueza de nossa terra: os impactos da mineração sobre as comunidades**. In: Conflitos no campo - Brasil, 2010, p. 65-74. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Bossi-2010-Ref%C3%](http://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Bossi-2010-Ref%C3%92)

[A9ns-da-riqueza-de-nossa-terra.pdf](#)>. Acesso em: 30 de out. de 2016.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo ambiental: explorando além do conceito**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 15, pp. 33-44, jan./jun. 2007.

CALIXTO, Bruno. **Rio Doce continua imerso na lama um ano após desastre da Samarco, 2016**. Época, São Paulo, 04 de nov. 2016. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/noticia/2016/11/rio-doce-continua-imerso-na-lama-um-ano-apos-desastre-da-samarco.html>>. Acesso em: 6 de nov. 2016.

CAMPOS, Pedro Celso. **Mídia e a consciência da sustentabilidade**. Observatório da Imprensa, Campinas, v. 377, 17 de abr. 2006. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/midia-e-a-consciencia-da-sustentabilidade/>> Acesso em 28 de outubro de 2016.

CENTRO TAMAR e RVS SANTA CRUZ (ICMBio). **Informação Técnica nº 1/2016**, de 29 de junho de 2016. Assunto: Sobrevoos de Monitoramento da Pluma de Rejeitos Proveniente da Barragem de Fundão. Processo SEI nº 02044.010010/201648. 2016.

COLOMBO, Macri Elaine. **Jornalismo ambiental: a sua história e conceito no contexto social**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. Anais... Caxias do Sul, Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2674-1.pdf>>. Acesso em 28 de outubro de 2016.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. 2 ed., Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

BRASIL. Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Resoluções nºs 26/06, 31/06, 01/07, 02/07, 05/07. **Comissão Especial Atingidos por Barragens**.

Relatório Final, Secretaria de Direitos Humanos, Brasília, 2011

COSTA, Alfredo; FELIPPE, Miguel Fernandes e REIS, Gabriela. **Licenciamento ambiental de grandes empreendimentos minerários**: dos alarmes que ninguém escuta à tragédia do Rio Doce. Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - Edição Especial - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2016.

COUZEMENCO, Fernanda. **Abandono e humilhação ao norte da foz do Rio Doce**. Século Diário, Vitória, 18 de jul. 2016. Disponível em: <<http://seculodiario.com.br/29680/10/abandono-e-humilhacao-ao-norte-da-foz-do-rio-doce>>. Acesso em: 09 de nov. de 2016.

Idem. **Comunidades ao norte da Foz do Rio Doce articulam criação de fórum dos atingidos**. Século Diário, Vitória, 15 de ago. 2016. Disponível em: <<http://seculodiario.com.br/30111/10/comunidades-ao-norte-da-foz-do-rio-doce-articulam-criacao-de-um-forum-em-favor-dos-atingidos-pelo-crime-da-samarcovalebhp>>. Acesso em: 09 de nov. de 2016.

FARIAS, C. E. G. **Mineração e Meio Ambiente no Brasil**. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, CTMineral/Secretaria Técnica do Fundo Setorial Mineral/CGEE, p. 1-42, 2002.

ECONSERVATION. **Relatório de Impacto Ambiental (Rima) do Mineroduto Morro do Pilar (MG)-Linhares (ES) e Porto Norte Capixaba**. Vitória, 2013.

FERNANDES, Vilmaria e LOPES, Raquel. **Cerca de 5 mil pessoas foram afetadas pela lama de rejeitos, mas lutam para ser reconhecidas**. Gazeta Online, Vitória, 05 de nov. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetaonline.com.br/conteudo/2016/11/noticias/cidades/3993246-as-vitimas-invisiveis-da-tragedia-no-rio-doce.html>>. Acesso em: 09 de nov. de 2016.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. **Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**. Comunicação e Sociedade, São Paulo, v. 34, p. 131-152, 2012.

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis. **Lauda técnico preliminar: Impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/phocadownload/noticias_ambientais/laudo_tecnico_preliminar_ibama.pdf>. Acesso em: 09 de nov. 2016

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. Porto: Porto Editora, 2004.

LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela. **Reflexões sobre o papel do Jornalismo Ambiental diante dos riscos da sociedade contemporânea**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO AMBIENTAL, 2., 2014, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ENPJA, 2014, pp. 201-219. Disponível em: <https://anaisenpja.files.wordpress.com/2014/12/cl_12_eloisa_angela.pdf>. Acesso em: 05 de nov. 2016.

LOPES, Liziane. **Justiça contabiliza mais de 18 mil processos relacionados ao rompimento da barragem**. Hoje em Dia, Belo Horizonte, 05 de nov. 2016. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/horizontes/justi%C3%A7a-contabiliza-mais-de-18-mil-processos-relacionados-ao-rompimento-da-barragem-1.425258>>. Acesso em 6 de nov. 2016.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. **Site do movimento**. Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br/>> Acesso em 11 de nov. 2016.

MEDEIROS, Manaira. **Samarco/Vale-BHP pagará auxílio emergencial a índios**

de **Aracruz**. Século Diário, Vitória, 11 de jun. 2016. Disponível em: <<http://seculodiario.com.br/29140/10/samarcovale-bhp-pagara-auxilio-emergencial-a-indios-de-aracruz>>. Acesso em: 09 de nov. 2016.

MENDONÇA, Heloísa. **Um ano do desastre de Mariana: o que foi e o que não foi feito para reparar os danos**. El País Brasil, São Paulo, 07 de nov. 2016. Disponível em: <<http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/04/politica/1478293515402075.html>> Acesso em: 06 de nov. 2016.

MOURA, Dione. **Jornalismo e a transversalidade da pauta socioambiental**. Revista PJBR, São Paulo, v. 14, ano 8, 2011. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografias14c.htm>> Acesso em 28 de out. 2016.

Idem. **O relato jornalístico: além do atual, do singular e do extraordinário**. In: PORTO, Sérgio Dayrell; MOUILLAUD, Maurice (Org.). O Jornal: da forma ao sentido. 2 ed. Brasília: Editora UnB, 2012.

MURPHY, James E. **The New Journalism: a critical perspective**. 3 ed. Kentucky: AEJ Publications, 1974.

NELSON, Peter. **Ten practical tips for environmental reporting**. 1 ed. Washington, D.C.: International Center for Journalists, 1995.

ORGANON. Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. **Impactos socioambientais no Espírito Santo da ruptura da barragem de rejeitos da Samarco**: Relatório preliminar. Novembro/Dezembro. Vitória. Mimeo. 2015.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. In: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: 2006.

PEREIRA, Ariane Carla. **Os discursos no discurso do livro-reportagem**. In:

Caligrama - Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia, v. 2, n.3, 2006.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

POEMAS. **Antes fosse mais leve a carga: avaliação dos aspectos econômicos, políticos e sociais do desastre da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG)**. Juiz de Fora. Mimeo. 2015.

POSSATO, Viviane. **Desastre ambiental em Minas Gerais completa um ano, 2016**. G1, Belo Horizonte, 04 de nov. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/11/desastre-ambiental-em-minas-gerais-completa-um-ano.html>>. Acesso em: 6 de nov. 2016.

REIS, Rogério Costa; GENOVEZ, Patrícia Falco. **Território Sagrado: Exílio, diáspora e reconquista Krenak no Vale do Rio Doce**, Resplendor, MG. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, v. 33, n. 1, pp. 1-15, 2013.

RESENDE, Geovanna Argenta de Bastos. **Jornalismo literário: uma análise da revista Brasileiros**. In: 1º Encontro de História da Mídia da Região Norte, 2010, Palmas.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. In: Rumores, v. 7, n. 14, 2013.

RODRIGUES, Léo. **Rompimento da Barragem do Fundão completa um ano**. Agência Brasil, Mariana, 04 de nov. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/video/2016-11/rompimento-da-barragem-do-fundao-completa-um-ano>>. Acesso em: 6 de nov. 2016.

ROSSI, Michelle. MARQUES RAMIRES, Mário. **A imparcialidade como conceito de qualidade jornalística**. In: Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados -

MS, vol. 01, n. 04, p. 77-83, jan-jul 2013.

SÁNCHEZ, Luis Enrique. **Mineração**. In: ALMANAQUE BRASIL SOCIOAMBIENTAL 2008. São Paulo: Instituto Socioambiental – ISA, p. 352-356. 2007.

STATISTA. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/272706/top-10-mining-companies-worldwide-based-on-market-value/>>. Acesso em: 29 de out. 2016.

VALE. Disponível em: <<http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 29 de out. 2016.